

**Universidade Eduardo Mondlane**  
**Faculdade de Letras**  
**Departamento de Letras Modernas**

**Discurso Político Televisivo durante  
a Campanha Eleitoral em Moçambique**

**Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos  
exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Linguística da  
Universidade Eduardo Mondlane**

**Por Delfina Daniel Mugabe**

**Supervisor : dr. Marcelino Alves**

**Co-supervisor : Prof. Doutor Lourenço do Rosário**

**Maputo, Outubro de 1995**

**LT-68**

**Universidade Eduardo Mondlane**

**Faculdade de Letras**

**Departamento de Letras Modernas**

**Discurso Político Televisivo durante  
a Campanha Eleitoral em Moçambique**

**Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos  
exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Linguística da  
Universidade Eduardo Mondlane**

**Por Delfina Daniel Mugabe**

**Supervisor : dr. Marcelino Alves**

**Co-supervisor : Prof. Doutor Lourenço do Rosário**

**Maputo, Outubro de 1995**

342.8  
M 945204

|                    |
|--------------------|
| F. LETRAS U. E. M. |
| R. E. 24735        |
| DATA 18/maio/1996  |
| ADMISSÃO aberta    |
| @otg. LT-60        |

### **Declaração**

**Declaro por minha honra que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia, as fontes que utilizei.**

## **Agradecimentos**

Este trabalho constituiu para mim um grande desafio, como o tem sido para todas as pessoas que nunca se confrontaram com uma actividade tão exigente como é o Trabalho de Licenciatura. No entanto, para a sua realização contei com o apoio de várias pessoas e mesmo de instituições. Assim, quero aqui, reconhecer tal apoio, expressando os meus agradecimentos, em primeiro lugar, ao meu supervisor, dr. Marcelino Alves, pela orientação que me deu para a elaboração do trabalho, desde os primeiros dias até à sua conclusão, para além do material bibliográfico e do computador que me forneceu.

Um agradecimento especial vai ao Prof. Doutor Lourenço do Rosário, meu Co-supervisor, pela orientação que soube dar para a elaboração desta dissertação e pelo encorajamento que me incutiu, nas horas mais difíceis da investigação.

À dra. Julieta Langa, pela mão amiga, estímulo e conselho, ao dr. Nataniel Ngomane, pelo apoio, orientação e conselho, ao dr. Alfredo Dacala, pelo apoio, aos colegas do curso, em particular ao chefe Chimbutana, pela colaboração de cinco anos de trabalho estudantil.

Ao meu marido, Atanásio Dimas, aos meus filhos Cléria e Dedé, ao Didinho e Rosinha, por tudo.

Aos meus pais, Daniel e Rosita, por tudo. Aos meus irmãos, cunhandos e sobrinhos e à minha sogra, também por tudo.

**Ao meu colega e amigo de longa data, José Machado, pela colaboração e apoio técnico durante a composição do trabalho. À direcção do Jornal Notícias e aos meus outros colegas da Redacção, pelo apoio e colaboração.**

**À Gloria Muianga da Rádio Moçambique e ao Jordão Domingos, da Televisão de Moçambique (TVM), pelo apoio na recolha de dados.**

**A todos quantos directa ou indirectamente tornaram possível a realização deste trabalho, vai o meu muito obrigado.**

## **Abreviaturas e sinais , seus significados**

**A-Argumento**

**T-Tese**

**L-Linha**

**E-Extracto**

**Prof.-Professor**

**Est.-Estudante**

**O.F.-Outros funcionários**

**I- Idade**

**F-Feminino**

**M-Masculino**

**Jor.- Jornalista**

**TVM -Televisão de Moçambique**

# Índice

## Sumário

### Página

#### Capítulo I

|                                  |   |
|----------------------------------|---|
| 1. - Introdução                  | 1 |
| 1.1. Apresentação do Assunto     | 1 |
| 1.2. Metodologia de Investigação | 2 |
| 1.3. Estruturação do trabalho    | 4 |

#### Capítulo II

|   |    |
|---|----|
| 1. - Pressupostos teóricos                          | 6  |
| 1.1. O Conceito de Texto ou Discurso                | 6  |
| 1.1.1. A Textura                                    | 8  |
| 1.1.2. O Texto Oral                                 | 10 |
| 1.1.3. O Texto Argumentativo                        | 12 |
| 1.2. A Coerência Discursiva                         | 13 |
| 1.2.1. O Conceito de Tema e Rema                    | 15 |
| 1.3. O Conceito de Propaganda ou Marketing Político | 17 |
| 1.4. - Síntese                                      | 19 |

## **Capítulo III**

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. - Análise de Dados</b>  | <b>21</b> |
| <b>1.1. Estratégia Comunicacional</b>   | <b>21</b> |
| <b>I- O Candidato Máximo Dias</b>   | <b>22</b> |
| <b>1.1.1. A argumentação no discurso de Máximo Dias</b>   | <b>22</b> |
| <b>1.1.2. A Coerência Discursiva</b>  | <b>24</b> |
| <b>1.1.2.1. Sob o ponto de vista da progressão temática (Tema/Rema)</b>                                       | <b>25</b> |
| <b>1.1.2.2. Sob o ponto de vista das relações semânticas de Causa/Consequência</b>                            | <b>26</b> |
| <b>1.1.3. A coerência entre o discurso de Máximo Dias e a estratégia eleitoral televisiva do Monamo/PSD</b>   | <b>27</b> |
| <b>1.4. - Constatação</b>   | <b>30</b> |
| <b>II- O Candidato Joaquim Chissano</b>   | <b>31</b> |
| <b>1.1.1. A argumentação no discurso de Joaquim Chissano</b>  | <b>31</b> |
| <b>1.1.2. A coerência discursiva</b>  | <b>37</b> |
| <b>1.1.2.1. Sob o ponto de vista da progressão temática (Tema/Rema)</b>                                       | <b>37</b> |
| <b>1.1.2.2. Sob o ponto de vista das relações semânticas de Causa/Consequência</b>                            | <b>38</b> |
| <b>1.1.3. A coerência entre o discurso de Joaquim Chissano e a estratégia eleitoral televisiva da Frelimo</b> | <b>40</b> |
| <b>1.4. - Constatação</b>   | <b>44</b> |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>III- O Candidato Afonso Dhlakama</b>   | <b>45</b> |
| 1.1.1. A argumentação no discurso de Afonso Dhlakama  | 45        |
| 1.1.2. A coerência discursiva   | 47        |
| 1.1.2.1. Sob o ponto de vista da progressão temática<br>(Tema/Rema)                                     | 48        |
| 1.1.2.2. Sob o ponto de vista das Relações semânticas<br>de Causa/ Consequência                         | 49        |
| 1.1.3. A coerência entre o discurso de Afonso Dhlakama<br>e a estratégia eleitoral televisiva da Renamo | 51        |
| 1.4.- Constatação   | 52        |
| <b>IV - O Candidato Wehla Ripua</b>   | <b>55</b> |
| 1.1.1. A argumentação no discurso de Wehla Ripua  | 55        |
| 1.1.2. A coerência discursiva   | 56        |
| 1.1.2.1 Sob o ponto de vista da progressão temática<br>(Tema/Rema)                                      | 56        |
| 1.1.3. A coerência entre o discurso de Wehla Ripua<br>e a estratégia eleitoral do Pademo                | 57        |
| 1.4.- Constatação   | 60        |
| 1.2. O Efeito da Propaganda Eleitoral em Moçambique   | 60        |
| <b>Capítulo IV</b>  |           |
| 1. - Conclusões e recomendações   | 65        |
| V. - Referências bibliográficas   | 70        |
| VI.- Anexos   |           |

## SUMÁRIO

O discurso político durante a campanha eleitoral em Moçambique constitui objecto da nossa investigação. O objectivo fundamental deste estudo é analisar as estratégias comunicacionais usadas pelos quatro políticos por nós seleccionados, nomeadamente, Máximo Dias, do MONAMO/PSD, Joaquim Chissano, da Frelimo, Afonso Dhlakama da Renamo Wehia Ripua, do Pademo, no período da propaganda televisiva que antecedeu as eleições presidenciais de 27 a 29 de Outubro de 1994.

Para a realização deste trabalho, recorreremos a vários conceitos tais como, o de Discurso/Texto, a Argumentação, Coerência discursiva, Tema e Rema, entre outros.

Trata-se de um trabalho constituído por quatro capítulos:

O I contém uma breve introdução, onde se apresentam o assunto, objectivos, motivação, metodologia e estruturação do programa; o II aborda os pressupostos teóricos da dissertação, que é a base da sustentação do trabalho; o III contém análise dos dados; o IV apresenta as conclusões e recomendações. O V capítulo contém a bibliografia usada. O nosso trabalho tem também um anexo que vem logo a seguir à bibliografia.

## **Capítulo I : INTRODUÇÃO**

**Neste capítulo fazemos a apresentação do assunto, as hipóteses, motivação, metodologia de investigação e estruturação do trabalho.**

## 1. Introdução

Após os debates televisivos Kennedy-Nixon, em 1960, nos Estados Unidos da América e após a primeira campanha oficial televisiva na França, em 1965, a televisão apareceu frequentemente como "arma suprema" das competições eleitorais.

Aliás, numerosos estudos mostraram, segundo (David Et Al, 1982:153) que a audiência das campanhas televisivas é muito elevada e que a sua influência sobre os eleitores é notável. Em 1974, por exemplo, segundo este autor, cerca de 80 % dos eleitores franceses acompanharam mais ou menos regularmente a campanha eleitoral presidencial pela televisão e 61% dos eleitores declararam que, de todos os meios de Comunicação Social disponíveis, a televisão foi para eles "a mais útil para fazer a sua escolha".

Mas não se deve exagerar o poder da televisão em campanhas eleitorais pois, diante do pequeno écran, os eleitores prestam mais atenção ao espectáculo do que ao discurso e são mais sensíveis aos personagens do que às suas ideias (David Et Al, op.cit.155).

É, contudo, sobre o programa televisivo em campanha eleitoral que assenta a nossa investigação, não para estudar a sua influência sobre os eleitores mas o discurso político veiculado por este meio de comunicação social em Moçambique.

### 1.1. Apresentação do Assunto

O presente trabalho tem em vista fazer um estudo sobre alguns aspectos relativos ao discurso político na Televisão de Moçambique (TVM) durante a campanha eleitoral de 1994 em Moçambique.

Para atingirmos este objectivo, partimos das seguintes hipóteses: 1 - "Persuadir os destinatários é um objectivo possível, se a mensagem transmitida vai de acordo com as expectativas dos destinatários".

2 - "A maior parte dos eleitores sabe antecipadamente em quem vai votar. O que está

em causa é uma minoria flutuante que só escolherá o seu candidato no último momento, e que pode ser influenciada pela propaganda eleitoral".

Para a escolha deste tema, tomamos em consideração o facto de que em Moçambique muito pouco foi feito ainda em relação à questão do discurso político em campanha eleitoral.

Assim, julgamos que o nosso trabalho poderá preencher a brecha que existe, para além de contribuir, abrindo caminhos para futuros trabalhos nesta área.

Desta forma, constitui nosso objectivo:

- 1) Verificar as estratégias comunicacionais usadas pelos políticos moçambicanos durante a campanha eleitoral;
- 2) Verificar a coerência dentro do próprio discurso político;
- 3) Verificar a coerência entre o discurso apresentado pelos candidatos às eleições presidenciais e aquilo que eram as estratégias da política eleitoral pré-estabelecidas pelos respectivos partidos;
- 4) Verificar o efeito destas estratégias no eleitorado.

## 1.2. Metodologia de Investigação

Para a realização deste trabalho, escolhemos quatro candidatos que concorreram às eleições presidenciais de 27 a 29 de Outubro de 1994, em Moçambique. Os candidatos escolhidos são: Máximo Dias, do partido Monamo, Joaquim Chissano, do partido Frelimo, Afonso Dhlakama, do partido Renamo e Wehia Ripua, do partido Pademo.

O candidato do Monamo surgiu na corrida eleitoral apresentando-se como "didáctico". Este candidato foi o único que disse não estar interessado em conquistar o poder, mas apenas em "ensinar como se faz a democracia". Tratava-se de um caso impar e a sua escolha para constar nesta análise deveu-se a que interessava-nos ver se a sua característica "didáctica" se reflectia ou não no seu discurso eleitoral televisivo.

Escolhemos o candidato do partido Frelimo por ser de um partido que terminava um mandato de regime monopartidário, por um lado, e, por outro, porque

em causa é uma minoria flutuante que só escolherá o seu candidato no último momento, e que pode ser influenciada pela propaganda eleitoral".

Para a escolha deste tema, tomámos em consideração o facto de que em Moçambique muito pouco foi feito ainda em relação à questão do discurso político em campanha eleitoral.

Assim, julgamos que o nosso trabalho poderá preencher a brecha que existe, para além de contribuir, abrindo caminhos para futuros trabalhos nesta área.

Desta forma, constitui nosso objectivo:

- 1) Verificar as estratégias comunicacionais usadas pelos políticos moçambicanos durante a campanha eleitoral;
- 2) Verificar a coerência dentro do próprio discurso político;
- 3) Verificar a coerência entre o discurso apresentado pelos candidatos às eleições presidenciais e aquilo que eram as estratégias da política eleitoral pré-estabelecidas pelos respectivos partidos;
- 4) Verificar o efeito destas estratégias no eleitorado.

## 1.2. Metodologia de Investigação

Para a realização deste trabalho, escolhemos quatro candidatos que concorreram às eleições presidenciais de 27 a 29 de Outubro de 1994, em Moçambique. Os candidatos escolhidos são: Máximo Dias, do partido Monamo, Joaquim Chissano, do partido Frelimo, Afonso Dhlakama, do partido Renamo e Wehia Ripua, do partido Pademo.

O candidato do Monamo surgiu na corrida eleitoral apresentando-se como "didáctico". Este candidato foi o único que disse não estar interessado em conquistar o poder, mas apenas em "ensinar como se faz a democracia". Tratava-se de um caso ímpar e a sua escolha para constar nesta análise deveu-se a que interessava-nos ver se a sua característica "didáctica" se reflectia ou não no seu discurso eleitoral televisivo.

Escolhemos o candidato do partido Frelimo por ser de um partido que terminava um mandato de regime monopartidário, por um lado, e, por outro, porque

era o único que "exibia" o factor "experiência de governação" de cerca de 19 anos e que se afirmava capaz de garantir a estabilidade e um futuro melhor para a população moçambicana (Programa do Governo, 1994:3 e sg.).

O candidato da Renamo foi seleccionado por ser o único dirigente de um partido da oposição armada e que saia de uma guerra sangrenta de longos anos, cujos efeitos ainda estavam "gravados" na memória de cada eleitor. Na nossa opinião, este facto poderia ter reflexos na sua campanha. Por outro lado, este candidato apresentava-se ao eleitor como o "pai da democracia" em Moçambique e, por isso, o único capaz de assegurar mudanças significativas no País. Que estratégias comunicacionais usaria ele para convencer os eleitores a depositarem nele o seu voto? Esta questão motivou a nossa escolha do candidato.

Por último, escolhemos o candidato do Pademo, Wehia Ripua. A pouca seriedade com que ele encarava a corrida eleitoral (vide D-4) e a sua maneira de falar, sem se preocupar com a coerência discursiva, despertaram-nos interesse durante a selecção do corpus, pois julgámos que o ruído existente no seu discurso poderia ter reflexos negativos na recepção da mensagem.

São quatro personalidades que, para nós, vêm de "mundos" diferentes e cujos discursos nos permitirão fazer a abordagem que nos propomos.

De igual modo, seleccionámos quatro discursos políticos que constituem o corpus do nosso trabalho. Os dados foram recolhidos através de gravações feitas durante o período oficial da campanha eleitoral, que decorreu de 22 de Setembro a 24 de Outubro de 1994.

As referidas gravações foram feitas na Televisão de Moçambique (TVM), no programa "Exercício do Direito do Tempo de Antena", concedido aos candidatos às eleições presidenciais e legislativas pela Comissão Nacional de Eleições.

Os dados foram recolhidos na TVM porque, segundo a Lei Eleitoral, no seu artigo 95/93, "os candidatos ao cargo de Presidente da República e partidos/coligações às legislativas, têm direito à utilização do serviço público de radiodifusão e televisão, durante o período oficial da campanha eleitoral".

Sendo a TVM um órgão de informação público, escolhemo-lo como nossa fonte de recolha de dados a serem analisados no capítulo correspondente, para além de que

o discurso televisivo tem uma outra componente que o radiodifundido não tem : a imagem do emissor, os gestos, etc., que reforçam a sua mensagem.

Por outro lado, realizámos um pequeno trabalho de campo. Assim, entrevistámos quer os próprios candidatos às eleições presidenciais escolhidos, (em alguns casos), quer os seus representantes, (noutros). Com as entrevistas, pretendíamos recolher as estratégias das políticas eleitorais definidas pelos respectivos partidos e que serviriam de base dos seus discursos durante a campanha eleitoral.

Porque um dos nossos objectivos é o de verificar também o efeito destas estratégias, realizámos um inquérito, envolvendo 30 telespectadores da TVM pertencentes ao Círculo Eleitoral da Cidade do Maputo - onde a TVM tem maior audiência. Destes, 10 são professores do ensino superior e 5 estudantes universitários. Inquirimos também 5 jornalistas e 10 funcionários públicos.

Dos 30 telespectadores inquiridos, 15 são do sexo feminino e 15 do sexo masculino. Com o inquérito, pretendíamos recolher a opinião do público em relação à campanha eleitoral, isto é, até que ponto o discurso político tem efeito sobre o destinatário durante o período da campanha eleitoral.

### **1.3. Estruturação do Trabalho**

O nosso trabalho é composto por quatro capítulos: o primeiro apresenta uma introdução geral do assunto, abordando questões relativas aos objectivos da investigação, procedimentos e metodologia, enquanto o segundo trata dos pressupostos teóricos sobre os quais assenta o estudo. É neste capítulo que se dá um enfoque aos conceitos de discurso ou texto, textura, texto oral, texto argumentativo, coerência, Tema e Rema e propaganda ou marketing político.

O terceiro capítulo faz a análise dos dados, de acordo com o quadro teórico apresentado no segundo capítulo. O quarto e último, apresenta as conclusões da investigação, bem como algumas recomendações para futuros trabalhos nesta área. Ainda neste capítulo, apresentamos as referências bibliográficas usadas.

O nosso estudo contém também um anexo, onde apresentamos os resultados das entrevistas feitas aos candidatos à corrida eleitoral ou seus representantes. Anexamos, de igual modo, os discursos políticos que constituíram o corpus do nosso trabalho, assim como o resultado de um inquérito feito aos eleitores do Círculo da Cidade do Maputo.

Em anexo também estão os resultados eleitorais a nível da Cidade do Maputo e de todo o País, referentes apenas aos quatro candidatos escolhidos.

x

## **Capítulo II : PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DO TRABALHO**

**Este capítulo constitui a base de sustentação do nosso estudo. Assim, passaremos em revista alguns conceitos relacionados com os mecanismos discursivos, evidenciando aqueles aspectos que julgamos relevantes para a realização do nosso trabalho.**

## 1. Pressupostos Teóricos do Trabalho

### 1.1. O Conceito de Discurso/Texto

Para alguns autores, o conceito de texto coincide com o de discurso ou se relaciona estreitamente com este. Neste sentido, abordaremos os dois conceitos em simultâneo. Mateus Et Al (1989), Reis-Lopes (1987) são alguns dos autores que não diferenciam o conceito de discurso do de um texto.

Mateus Et Al (op. cit.:134) referem que um texto/discurso é um objecto materializado numa dada língua natural, produzido numa situação concreta e pressupondo os participantes locutor e alocutário, fabricado pelo locutor por selecção sobre tudo o que, nessa situação concreta, é dizível para (e por) esse locutor a um determinado alocutário.

Embora tenhamos consciência de que Reis-Lopes estão virados mais para narratologia, a sua concepção sobre o discurso é funcional para a nossa abordagem, pois interessam-nos os vários conceitos sobre o assunto.

Reis -Lopes (1987:104) definem o discurso ou texto como uma unidade comunicativa globalmente coerente e, sendo considerada como uma propriedade do discurso, esta coerência pressupõe uma lógica dos encadeamentos transfrásicos e requer uma análise a nível macroestrutural.

Aguiar e Silva (1988:568) refere que o texto é sempre sob modalidades várias, um intercâmbio discursivo, uma tessitura polifónica na qual confluem, se entrecruzam, se metamorfoseiam, se corroboram ou se contestam outros textos, outras vozes e outras consciências.

Brown-Yule (1983:190) consideram texto um registo verbal de um evento comunicativo, o que para além de pressupôr duas entidades, emissor e receptor, faz alusão aos propósitos do texto, a comunicação.

Na visão de Halliday-Hassan (1976:1 e 25), o texto constitui uma unidade de língua em uso, um "continuum" de significado e contexto.

Kristeva (1969 : 24-25), que aborda a questão apenas em termos de discurso, refere que o termo discurso designa, de um modo rigoroso e sem ambiguidade, a manifestação da língua na comunicação viva.

Para esta autora, opondo-se ao termo língua que recobre doravante a linguagem enquanto conjunto de signos formais, estratificado em escalões sucessivos que formam sistemas e estruturas, o discurso implica primeiro, a participação do sujeito na sua linguagem através da fala do indivíduo e, utilizando a estrutura da língua, o sujeito forma-se no discurso que comunica ao outro.

No entanto, no discurso a língua comum a todos torna-se o veículo de uma mensagem única, própria da estrutura particular de um determinado sujeito que imprime sobre a estrutura obrigatória da língua uma marca específica, em que se marca o sujeito sem que por tal ele tenha consciência disso (Kristeva, op. cit. :26).

Na mesma linha está Benveniste (1966:80-82), referindo que o termo discurso designa qualquer enunciação que integre nas suas estruturas o locutor e o alocutário, com o desejo do primeiro de influenciar o segundo.

De facto, a definição de texto/discurso não pode ser alheio aos principais objectivos da sua produção: a comunicação. Não se deve abordá-lo apenas como um conjunto de orações, tal como refere Metzeltin (1981:34). Daí que as definições de Brown-Yule(1983), de Halliday-Hassan(1976), Kristeva(1969) e Benveniste (1966) são mais claras, porque tomam em consideração os propósitos do texto/discurso.

Por outro lado, no tratamento do conceito de texto/discurso entram também em jogo, a materialidade lingüística, ou seja, a língua natural, os códigos simbólicos em presença na formação social em que é produzido, circula e é interpretado, os processos cognitivos a que a sua estruturação deve ser conforme, para que produza sentido, as hipóteses e pressuposições do locutor sobre o saber que ele e o alocutário partilham acerca do mundo, em que se incluem a experiência anterior de um e do outro (da qual faz parte o conhecimento de textos já produzidos) e o do próprio texto.

Segundo Bernárdez (1982), ao produzir um texto/discurso, o locutor tem uma intenção comunicativa, desenvolve um plano global que lhe permitirá, tendo em conta os factores situacionais, etc., conseguir que tenha sucesso o seu discurso e dizer que se cumpre a sua intenção comunicativa e, para isso, realiza as operações necessárias

para expressar verbalmente esse plano, de modo a que, através das estruturas superficiais, o receptor seja capaz de reconstruir ou identificar a intenção comunicativa inicial.

Destas definições depreende-se a preocupação de encarar o texto ou discurso como um todo, munido de sentido, o que se consegue através de uma série de operações observadas na sua produção.

Sendo assim, podemos afirmar que o texto ou discurso não é uma simples sucessão de frases, pois a hierarquização dos seus elementos quer uma conexão entre diferentes macro-unidades, facto que lhe conferirá a qualidade de ser texto, que Halliday- Hassan (1976) chamam de Textura.

### 1.1.1. O Conceito de Textura

Mateus Et Al (1989:134) definem a textura(ou textualidade) como sendo o conjunto de propriedades que uma manifestação da linguagem humana deve possuir para ser um texto ou discurso e, dentre as propriedades que a textualidade inclui, destaca-se a conectividade.<sup>1</sup> Para Aguiar e Silva(1988:635-636) textura é a organização formal que possibilita instituir conexidade, relações coesivas, entre as entidades textuais, suturando adequadamente a sucessão dos enunciados, assegurando a continuidade e a progressão informativas, construindo a "tessitura" que o texto é.

Esta textura é conseguida porque a língua dispõe de mecanismos linguísticos, cuja manipulação torna o discurso inteligível.

Aliás, é neste contexto que Van Dijk (1977:33) afirma que "tudo nos leva a crer que o sujeito falante conhece as regras que sustentam as relações entre as sequências de frases.

Recorrendo a uma citação de Rugaiya Hasan(s/d), Aguiar e Silva (op.cit.: 635) refere que "texture is the technical term used to refer to the fact that the lexicogrammatical units representing a text hang together - that there exists linguistic

---

<sup>1</sup>Existe conectividade entre uma coerência textual B se as interpretações de A e B forem semanticamente interdependentes- Mateus Et Al(1989:135).

cohesion within the passage".<sup>2</sup>

Na óptica de Fonseca(1992:8), consubstancia-se a textura nos traços que fazem de um produto verbal um todo semântico unificado, como tal, funcionando globalmente numa situação de comunicação, em que se inscreve por forma adequada.

Por isso, o texto surge, na visão de Halliday-Hassan(1976), basicamente como um "continuum"de significado em contexto, uma unidade de língua em uso independentemente da sua extensão.

Aliás, estes autores dão um papel de realce às relações coesivas, afirmando que o determinante primário por forma a que um conjunto de frases constitua ou não um texto depende das relações coesivas dentro e entre as frases, que é o que cria a textura. Isto é, o conceito de textura é inteiramente apropriado para expressar a propriedade de "ser um texto" (Fonseca, 1992:7).

Um texto tem textura e isto é o que o distingue de alguma coisa que não é, derivando tal textura do facto de funcionar como uma unidade em relação ao seu meio e é fornecida pela relação coesiva(Ibid).

Tal como afirma Fonseca(Ibid) existem dois tipos de textura:uma externa e outra interna. Cabe na textura externa tudo o que respeita aos factores externos que afectam a escolha linguística que o falante ou escritor fazem, o que tem a ver com a natureza da audiência, do média,do propósito de comunicação.

É, no entanto, a partir dessa escolha que o texto revela uma consistência própria, concretizada, por um lado, basicamente numa continuidade temática e, por outro, numa certa uniformidade ou homogeneidade do que tange a aspectos variados ao nível da língua e ao género.

Van Dijk(1981), citado por Fonseca(1992:91) refere que as situações sociais, as categorias de participantes e as regras, normas e convenções a observar nestas situações, definem quem pode ou deve dizer o quê, em que momento e de que maneira.

Uma outra categoria de textura é a interna que, segundo Fonseca (op.cit.:9-10)

---

<sup>2</sup>Textura é o termo técnico usado para referir o facto de as unidades lexicogramaticais que representam um texto estarem muito unidas-que existe coesão linguística dentro de uma passagem ou trecho.

apresenta-se sob três formas diferentes: supra-enunciado ou supra-frásico; ao nível de enunciado ou de frase e ao nível inter-enunciado ou interfrásico.

No primeiro nível (supra-enunciado/frásico), a textura interna manifesta-se como a macroestrutura do texto, que o estabelece como um texto de um tipo particular (conversação, narrativo, etc.) ou ainda, como a estrutura do discurso. Na visão de Van Dijk (1978:55) a macroestrutura de um texto é uma representação abstracta da estrutura global de significado de um texto, sendo a este nível, macroestrutural, que se coloca o problema da coerência.

Ao nível do enunciado ou da frase, segundo Fonseca (op.cit.:9) que cita por sua vez Halliday-Hassan (1976), a textura interna manifesta-se como a estrutura que é interna à frase, ou seja, certas dimensões da organização do enunciado, considerando "in its role as the realization text".<sup>3</sup>

Desta forma, os autores referem-se quer à organização do enunciado em tema/rema, quer à sua estruturação em termos de articulação de unidades de informação conhecida ou Dada («Given») e não conhecida ou Nova («New»).

O último nível, inter-enunciado/interfrásico, apresenta-se, segundo Fonseca (ibid), como um complexo de laços semânticos que conectam os enunciados (contíguos ou não contíguos)-nexos que preenchem o que designam de coesão, tomada no sentido restrito.

### 1.1.2. O Texto Oral

O texto pode apresentar-se sob a forma escrita ou oral. Porque o nosso objecto de investigação é o texto na sua forma oral (discurso televisivo), passamos em revista alguns conceitos deste tipo de texto, e sempre na perspectiva de mostrar a diferença entre os dois tipos de texto: oral e escrito.

Na concepção de Aguiar e Silva (1988:138-139), o texto oral apresenta-se diferente do sistema semiótico do escrito não apenas pelo facto de ser defectivo em relação a

---

<sup>3</sup>.No seu papel como a realização do texto.

um código grafémico, mas sobretudo porque comporta sinais e códigos diferentes e porque o seu funcionamento no que diz respeito à produção, estruturação e à sua recepção, é diverso em comparação com o exigindo uma sintaxe mais estruturada e com um grande uso da subordinação.

De facto, o emissor de um texto oral dispõe de uma diversidade de recursos, para além de linguísticos e extralinguísticos, através dos quais reforça o significado expresso pelas palavras que usa. Ele pode recorrer à repetição, interjecção, elementos prosódicos, gestos, etc., que o emissor de um texto escrito não pode usar.

Mesmo em questões de forma, o texto oral tem uma sintaxe menos estruturada, com muitas frases incompletas, quase que grupos de sintagmas e pouco uso da subordinação, (Brown-Yule, 1983 : 15).

No entanto, quer a abordagem de Aguiar e Silva (1988) como a de Brown-Yule sobre o conceito de texto oral, são relevantes e de certa forma complementam-se, uma vez que evidenciam os aspectos mais importantes que permitem distinguir o texto oral do escrito, sobretudo a sintaxe menos estruturada e o uso de elementos adicionais não linguísticos, como reforço da mensagem transmitida, o que já não ocorre no texto escrito.

Porque o nosso objecto é o discurso político, cuja base é a argumentação, apresentamos também o conceito de discurso argumentativo.

### 1.1.2. O Texto Argumentativo

A argumentação é importante para levar o receptor da mensagem a aceitar ou não a posição tomada pelo emissor. O texto argumentativo, segundo Maingueneau (1991:235-236) exprime a opinião pessoal do emissor.

Este, com os argumentos de que se serve, pode ou não levar o receptor a aderir ao seu ponto de vista. Trata-se, de facto, de um tipo de interacção verbal destinado a alterar as convicções de outrem. Com efeito, esta operação exige que o locutor no seu discurso, quer seja oral quer escrito, apresente argumentos convincentes, de modo a obter um efeito persuasivo à sua audiência.

É por isso que Maingueneau (op.cit.:237) defende que, para obter o efeito desejado, é pertinente a utilização de estratégias, tais como conectores, que metem em jogo todo o movimento discursivo, não se confinando apenas ao segmento em que se insere.

Os conectores são morfemas que têm a finalidade de estabelecer uma ligação entre as proposições e as diferentes partes que compõem o texto/discurso (Maingueneau, op.cit.:237). Este autor explica ainda que existem conectores argumentativos co-orientados e anti-orientados, tendo os primeiros a função de expressar uma opinião positiva, isto é, introduzem argumentos eufóricos, enquanto os outros (anti-orientados) exprimem uma posição contrária à que foi exposta anteriormente no texto.

Na verdade, para que o locutor possa atingir o seu objectivo-demonstrar a razão do que afirma, tem que seguir uma determinada organização das ideias no texto. Por outro lado, o emissor deve saber questionar o valor da verdade da hipótese formulada com vista a colocar outra e só assim é que consegue estabelecer um encadeamento de posições.

No texto argumentativo, a "sintaxe" de argumentos tem a ver com a estratégia que o locutor adopta, podendo começar por um argumento mais forte e, depois, seguirem-se outros com menos força (Bernárdez 1982 :21), sem porém cair no descumprimento de questões fundamentais que conferem ao texto a coesão e coerência.

## 1. . 1.2. O Conceito de Conectividade Conceptual ou Coerência

Alguns autores não concordam com a segmentação de coesão e coerência precisamente pela dificuldade que existe de delimitar as fronteiras de cada uma. Na sua óptica, a coesão e a coerência devem ser estudados como se de sinónimos se tratasse, apresentando como argumento a quase inexistência de compartimentação da pragmática, da semântica e da sintaxe, e porque a coerência tanto se encontra no nível pragmático e semântico como no sintáctico. Porém, o conceito de coerência é visto como sendo de natureza conceptual, ligado às ideias que se pretende que sejam transmitidas.

Van Dijk(1977:93) afirma que a noção de coerência não está bem definida. Este autor define a coerência como uma propriedade semântica do discurso, baseada na interpretação de cada frase individual posta em relacionamento com a interpretação das outras frases.

Para Mateus Et Al(1989:146), a conectividade conceptual ou coerência é um factor de textualidade que resulta da interação entre os elementos cognitivos apresentados pelas ocorrências textuais e o nosso conhecimento do mundo. Assim, uma condição cognitiva sobre a coerência de um texto é a suposição da normalidade do(s) mundo(s) criado(s) por esse texto e, um texto será coerente se os elementos/esquemas cognitivos activados pelas expressões linguísticas forem conformes àquilo que sabemos ser (i) a estrutura dos estados, processos e eventos;(ii) as relações lógicas entre estados de coisas; (iii)as propriedades características dos objectos de um mundo "normal".

Segundo Brown-Yule(1983:223-224) uma das ilusões que persiste na análise da linguagem é aquela segundo a qual compreendemos o significado de uma mensagem linguística somente na base das palavras e da estrutura das frases usadas para transmitir uma mensagem.

Como sustentam, é errado pensar que operamos apenas com esse "in put" para a nossa compreensão, simplesmente porque precisamos de mais informação.

Isto é, em adição ao nosso conhecimento sobre a estrutura frásica, possuímos também um conhecimento de outros padrões, nos quais a informação é veiculada (Brown-Yule, op.cit).

Dai que Van Dijk (1977:99) afirma que as nossas expectativas sobre as estruturas semânticas do discurso são determinadas pelo nosso conhecimento sobre a estrutura dos mundos envolvidos, em geral, e de estados de coisas particulares ou cursos dos acontecimentos.

Isto significa que a coerência resulta, frequentemente, da activação de informações semânticas implícitas, não verbalizadas, que pertencem ao universo de conhecimento do receptor (Reis-Lopes, 1987:65), isto é, o seu "saber" e a sua experiência sobre a situação e o tema de comunicação e o tema do texto, mas também sobre o mundo em geral, sobre as "coisas", as "crenças", os universos simbólicos e outras representações agregadas numa determinada comunidade sócio-cultural, às "coisas"(Fonseca, 1992:47).

No entanto, o problema de coerência textual não se coloca apenas ao nível inter-enunciado ou inter-frásico como uma propriedade semântica do discurso baseada na interpretação de cada frase individual em relação à interpretação de outras frases, mas também em relação à própria textura externa, como aquilo que no texto testemunha a sua ligação ao contexto em que é produzido (Van Dijk, 1977:93), facto que confere ao texto uma consistência própria caracterizada quer por uma continuidade temática, quer por uma certa uniformidade ou homogeneidade no que tange a aspectos variados, nomeadamente ao nível da língua e do género (Fonseca, op.cit.:8).

Por outro lado, a coerência tem a ver com a compatibilidade ou conformidade entre os elementos cognitivos activados pelas expressões linguísticas e o «mundo possível» que constitui o universo de referência do texto. Deste modo, Fonseca (op.cit.:48) afirma que «a compreensão do texto se desenvolve na base desta interação entre o verbalizado e o universo de conhecimento do receptor».

Mas, se a coerência releva de um plano exterior e autónomo (mas não alheio) a uma e qualquer língua natural, facto que perfaz o universo de discurso, «os objectos» e o que deles se predique, os factos, os acontecimentos que vêm preencher o universo de discurso fixado pela intenção comunicativa global do locutor, devem distribuir-se por sucessivos enunciados, de modo a que, cumulativamente, não dêem lugar, quer entre

eles quer em relação aos já manifestados, **nem a tautologia nem a contradição**, mas que se interconectem na base de uma recíproca relevância, ou seja, se dêem mutuamente acesso (Fonseca, op.cit.:32-33).

De acordo com este autor, a exigência de não contradição e de não tautologia revela-se, à primeira vista, deveras elementar, pois que em condições «normais» de comunicação não só não diremos num dado enunciado o «contrário» do que ficou referido num enunciado antecedente, como também não diremos sucessivamente «o mesmo acerca das mesmas «coisas», ainda que eventualmente «por outras palavras».

De facto, decorreriam da contradição e da tautologia, respectivamente, uma ruptura e uma redundância excessivas, que viriam contrariar o desenvolvimento consequente da mensagem, isto é, a sua continuidade (Fonseca, op.cit.:37).

Dai que Van Dijk(1977:97) afirma que «assumiremos como regra que um texto é coerente se os enunciados ou frases imediatamente subsequentes não são equivalentes ou contraditórios».

Reis-Lopes (op.cit.:65) afirmam, por sua vez, que "a construção da coerência textual implica também a progressão temática, isto é, progressão de informação no interior do texto". É neste sentido que estes autores abordam a questão da estrutura temática e da renovação da informação a nível transfrásico, associados a uma progressão semântica que só é geradora de coerência se os elementos cognitivos fornecidos pelo Rema forem relevantes acerca do Tema a que se referem.

Deste modo, pode-se afirmar que, para que um texto ou discurso seja coerente, é necessário que o seu desenvolvimento seja acompanhado por entradas semânticas constantemente renovadas, de acordo com a intenção de comunicação do emissor, facto que permitirá ao texto ganhar uma certa dinâmica.

### 1.2.1. O Conceito de Tema e Rema

As noções de tema/rema estão enquadradas na estrutura temática, na literatura linguística. Desde a escola de Praga que vários linguistas têm vindo a tentar dar algumas definições dos seus conceitos, papel que consideramos que não tem sido fácil, se tomarmos em conta que existem outras noções na literatura linguística, tais

como as de tópico/comentário e Dado/Novo que se sobrepõem a estas.

No entanto, sem pretendermos descurar estas sobreposições, nesta nossa abordagem falaremos apenas de conceitos referentes à dicotomia Tema/Rema, tomando em conta o ponto de vista de alguns linguistas, pois são estes conceitos que se adequam melhor ao nosso trabalho.

Baseando-se na "Functional Sentence Perspective-FSP" (Perspectiva Funcional da Frase), de Firbas (1964,1981), Lopes(1986:29-30) afirma que podemos distinguir, numa frase, segmentos de língua que são de maior ou menor relevância comunicativa, segundo os propósitos do falante ou escritor. É neste sentido que o autor reconhece a existência de uma certa ordem favorecida na comunicação, para a apresentação de uma mensagem, assim como o facto de um elemento da frase ser colocado em destaque por contraste a todos os outros.

Para Halliday (1985:38), num enunciado ou frase, um elemento é anunciado como Tema para depois se combinar com o resto do enunciado (o Rema), que desenvolve o Tema, para constituir a mensagem.

Aliás, na perspectiva de Halliday (op.cit.:38), o Tema é tudo o que é colocado em primeiro lugar numa mensagem, embora não seja o seu posicionamento que o define como tal, mas sim o estatuto especial que ele tem na frase, como ponto de partida.

Segundo o autor, a FSP tem a ver com a distribuição do Dinamismo Comunicativo na frase ou enunciado, o que constitui a dicotomia Tema/Rema, categorias caracterizadoras da "Functional Sentence Perspective".

Neste sentido, o Tema será o elemento que transporta o menor grau de Dinamismo Comunicativo, enquanto o Rema será o portador do Maior Dinamismo Comunicativo.

Por seu turno, Brown-Yule (1987:126) que entram na mesma linha de Halliday (1985), definem o Tema como o constituinte mais à esquerda da frase, que funciona como ponto de partida dum enunciado, e o Rema como o resto que se segue na frase, e que consiste no que o falante diz acerca ou no que diz respeito ao ponto de partida do enunciado.

Assim, pressupomos que os quatro candidatos terão seguido este tipo de organização da mensagem como forma de conferir aos seus discursos políticos o

estatuto de um evento comunicativo (Halliday, op. cit.:38). Tal organização é conhecida por estrutura temática, fixada pelo falante ou escritor.

### 1.3. O Conceito de Propaganda ou "marketing político"

Segundo referem muitos autores, existe ainda confusão sobre o conceito de propaganda. Para muitos, propaganda é uma actividade ligada unicamente à política, enquanto que para outros, tem o mesmo significado que a publicidade. Lampreia (1991:68) define a propaganda como promoção de adesão do indivíduo a um dado sistema ideológico de carácter político, religioso, social ou económico. Para este autor, a propaganda não deve ser vista unicamente como um instrumento da política, onde desempenha, contudo, um papel importante, mas sim e também, como uma actividade que pode estar ligada a vários outros sectores, tais como a guerra, religião, comércio, e outros.

Na perspectiva de David Et Al (1978:93), o marketing político é um conjunto de teorias e de métodos através dos quais se podem servir as organizações políticas e poderes públicos para definir os seus objectivos e os seus programas com vista a influenciar os comportamentos dos cidadãos. O autor inclui na sua definição o marketing eleitoral, que não é mais do que uma parte do marketing político, com um objecto mais limitado : ajudar os partidos e/ou candidatos a conceber e a implementar uma campanha eleitoral eficaz, com o objectivo de persuadir os eleitores a votarem neles.

Deste modo, o marketing eleitoral intervém no momento em que o político, tendo escolhido as suas ideias, opções ou um programa, se propõe a se fazer eleito para implementá-los.

Para Bongrand (1986:21) "o marketing político" é um conjunto de técnicas que têm como objectivo favorecer a adequação de um candidato ao seu eleitorado potencial, torná-lo conhecido do maior número de eleitores e de cada um deles, criar a diferença em relação aos outros concorrentes - e aos adversários - e, com um mínimo de meios, otimizar o número de votos que é necessário ganhar durante a campanha.

De facto, na sua essência a propaganda política tem a ver com a promoção do

indivíduo (candidato) entre os seus potenciais eleitores. Isto é, trata-se sobretudo da sua capacidade para se mostrar diferente de outros através de um estilo de comunicação, da organização e seriedade da sua campanha, das suas capacidades de contacto, acompanhado por um melhor "marketing" e associado à psicologia de comunicação mais sensível.

Acima de tudo está o papel do Conselheiro em "marketing político". É este Conselheiro que vai se esforçar por determinar as satisfações e insatisfações do eleitorado do candidato, definir os verdadeiros problemas do país, desde a localidade até à cidade, sabendo que o «o seu candidato» obterá melhores resultados se estiver informado, e se esse facto for conhecido, pois será visto como potencialmente mais eficaz na função que ambiciona desempenhar (Bongrand, 1986:23-24).

É neste sentido, segundo o autor, que o fracasso de uma campanha política é quase sempre imputado ao Conselheiro do "marketing político", quer por ter feito um diagnóstico insuficiente, quer por ter elaborado uma estratégia eleitoral<sup>4</sup> que não foi respeitada quando os meios disponíveis foram utilizados, sem porém reconhecer que a falha também foi dos próprios candidatos; ao não respeitar a estratégia política elaborada, ou mesmo a supremacia do adversário.

### 1.3.1. O Efeito da Campanha Eleitoral

Lazarsfeld, Berelson, Gaudet (1944:101), referem que o efeito da campanha eleitoral presidencial procede-se em três direcções: 1) um efeito de activação (que transforma as tendências latentes em comportamento de voto efectivo); 2) um efeito de reforço (que preserva as decisões tomadas, evitando mudanças de atitudes); 3) Um efeito de conversão (limitado, no entanto, pelo facto de as pessoas mais expostas e atentas à campanha eleitoral serem também as que já têm atitudes de voto bem estruturadas e consolidadas, ao passo que as que estão mais indecisas e dispostas a mudar são também aquelas que menos "consomem" a campanha eleitoral).

---

<sup>4</sup>.o sublinhado é nosso.

Assim, o efeito de conversão gerado pelos meios de comunicação social é posto em prática "mediante" uma redefinição dos problemas sobre os quais as pessoas tinham reflectido muito pouco ou aos quais tinham prestado uma atenção limitada, assumindo uma nova importância quando são postos em destaque pela propaganda eleitoral (Lazarsfeld Et Al, 1944:89).

Entretanto, Wolf (1987:35), socorrendo-se da Abordagem Empírica Experimental (ou da Persuasão), uma das teorias de comunicação, refere que a influência e a persuasão não são indiferenciadas e constantes nem se justificam apenas pelo facto de ter havido transmissão de uma mensagem, exigem que se esteja atento ao público e às suas características psicológicas e impõem que se estructurem as campanhas tendo esse factor em conta para que o efeito persuasivo seja notável.

## S í n t e s e

Posto isto, julgamos que temos aqui os elementos teóricos que nos permitirão fazer a análise de dados, através da verificação da aplicação destes conceitos nos quatro discursos seleccionados.

Para o efeito, os discursos devem, segundo o quadro teórico, conter nas suas estruturas elementos de um texto argumentativo, por um lado, e por outro, coerente.

A argumentação consiste basicamente na apresentação de razões (argumentos), para uma determinada conclusão (tese). Assim, pressupomos que tal facto se verifica nos discursos dos quatro candidatos escolhidos, Máximo Dias, Joaquim Chissano, Afonso Dhlakama e Wehia Ripua.

De igual modo, para que um texto seja coerente é necessário que o seu desenvolvimento seja acompanhado por entradas semânticas constantemente renovadas, segundo a intenção de comunicação do emissor/escritor, estabelecendo-se um fio condutor no interior do discurso.

Mas, a progressão semântica só é geradora de coerência se os elementos cognitivos fornecidos pelo Rema forem relevantes acerca do Tema a que se referem.

O reconhecimento das sequências textuais formadas por subordinação semântica

de uma relação de causa e consequência é também uma das condições cognitivas para o estabelecimento da coerência discursiva, e um dos itens que verificaremos nos quatro discursos.

Tratando-se de discursos políticos proferidos em campanha eleitoral, cujo objectivo é levar o destinatário a aderir a uma certa causa, o que passa pela produção de estratégias adequadas para o efeito, verificaremos se tais discursos foram de acordo com estas estratégias definidas pelos respectivos partidos antes do início da propaganda política.

Sempre que necessário, recorreremos a algumas citações como forma de sustentar as constatações feitas durante a análise.

### **Capítulo III : ANÁLISE DE DADOS**

**Neste capítulo fazemos a a análise do corpus, de acordo com o quadro teórico. A análise de dados é feita separadamente, discurso por discurso. Analisamos também, comparativamente as estratégias eleitorais definidas por cada partido para o programa televisivo e os discurso proferidos pelos candidatos na Televisão de Moçambique.**

## 1. Análise de Dados

### 1.1. Estratégia Comunicacional

Entende-se aqui por estratégia comunicacional os meios linguísticos usados por cada um dos candidatos para a persuasão do eleitorado moçambicano, durante o período oficial da propaganda política televisiva, que decorreu de 22 de Setembro a 24 de Outubro de 1994.

Para a análise de dados, adoptámos alguns sinais convencionais. Onde temos "A" leia-se Argumento; "T" entenda-se como Tese e "L" leia-se Linha.

Começando a análise com o discurso de Máximo Dias, candidato do Monamo/PSD às eleições presidenciais de 1994, vamos verificar como se processam os objectivos preconizados no capítulo I deste estudo.

#### I- O Candidato Máximo Dias

##### 1.1.1. A argumentação no discurso de Máximo Dias

##### Quadro I- Sistematização de conectores argumentativos

| Conectores | Frequência | Percentagem (%) |
|------------|------------|-----------------|
| Mas        | 5          | 50              |
| E          | 2          | 20              |
| Porque     | 2          | 20              |
| Enquanto   | 1          | 10              |

Tal como se pode ler no quadro-I acima, existem no discurso deste candidato 10 conectores frequentes num texto argumentativo. Destes, 50% correspondem ao articulador Mas, 20% ao E e igual percentagem para o conector Porque e o Enquanto aparece com menor incidência, 10%.

A existência destes conectores é indicação de que o autor estabeleceu relação quer intrafrásica e/ou interfrásica, quer entre parágrafos que compõem o seu discurso, na perspectiva de argumentar as suas posições.

Aliás, verificamos nesta dimensão de análise que Máximo Dias começa com dois argumentos fortes para a sustentação da sua tese "Os que agora prometem melhorar não tem experiência nenhuma", nomeadamente: 1) durante 20 anos não fizeram nada, ou, melhor, fizeram muito, mas de mau; 2) Destruíram e por causa deles houve guerra.

Tal facto favorece um efeito persuasivo eficaz, pois a persuasão é influenciada sobretudo pelos argumentos contidos na primeira parte da mensagem Wolf, 1987 :37). Notamos que os vários argumentos que existem ao longo deste discurso são apresentados na perspectiva de sustentar esta posição.

O quadro-II, abaixo, mostra as teses e argumentos apresentados pelo autor ao seu eleitorado durante a campanha. Porém, como se pode ver, nem sempre o candidato utilizou os instrumentos de conexão da argumentação.

**Quadro II - Sistematização das teses e argumentos no discurso de Máximo Dias**

| Teses (T)  | Conectores | Argumentos (A)  |
|--|------------|---|
| T1- " Os que prometem agora melhorar não têm experiência nenhuma."(L4-5-6) | Porque     | A1 (i)- "Durante 20 anos não fizeram nada, ou melhor, fizeram muito, mas de mau." (L6-7)<br>(ii)- "Por causa deles houve guerra" (L7-8) |
| T2- "A guerra foi mal conduzida, que levou 16 anos." (L8-9)                | Porque     | A2- "Ela nem sempre foi orientada no sentido político." (L9-10)   |

|  |                 |  |
|--|-----------------|--|
| <p>T3- "As manobras exteriores aproveitaram-se dos que pegaram em armas para combater a ditadura do marxismo." (L12-13-14)</p> | <p>Mas</p>      | <p>A3- "O combate da ditadura marxista não foi feito só por aqueles que pegaram em armas." (L14-15)</p>  |
| <p>T4-(sub-tese)- "O grande combate foi um combate político em que participou Máximo Dias." (L15-16)</p>                       | <p>Enquanto</p> | <p>A4- "Procurava apoiar politicamente todas as forças contra o regime da ditadura." (L18-19)</p>  |
| <p>T5- "Quando um partido armado diz que nós trouxemos a democracia, não é correcto." (L28-29)</p>                             | <p>Porque</p>   | <p>A5- "Não é um partido, não é uma pessoa, é o povo moçambicano que lutou, e eu, Máximo Dias, da minha parte também contribuí." (L29-30-31)</p>                                 |
| <p>T6- "Não saí daqui para ter uma vida de luxo lá fora."(L31-32)</p>  | <p>Mas</p>      | <p>A6 (i)- "Saí porque cá dentro eu seria facilmente eliminado." (L32-33)<br/> (ii)- "A única luta que Máximo dias sabe fazer é a da demonstração por palavras." (L34-35-36)</p> |

|   |        |   |
|---|--------|---|
| T7- "O candidato didático Máximo Dias é totalmente diferente dos outros candidatos." (L37-38)         | Porque | A7- "Enquanto os outros prometem vida fácil para o povo, eu prometo vida difícil, mas uma vida com satisfação." (L38-39-40)                           |
| T8- " Todos estão com boa vontade de querer servir o povo." (L49-50)                                  | Mas    | A8(i)- "Nem sempre estão preparados para servir o povo."(L50-51)<br>(ii)- "Não é qualquer indivíduo que pode ser Presidente da República."(L62-63-64) |
| T9- "A Presidência da República precisa de ter a consciência de todas as tarefas nacionais." (L68-69) | -      | A9- "É preciso que seja um homem ou uma mulher..." (L69-70)   |

### 1.1.2. A Coerência discursiva em Máximo Dias

#### 1.1.2.1. Sob o ponto de vista da progressão temática

A construção da coerência discursiva, tal como referimos anteriormente, implica também a progressão de informação no interior do texto (Reis-Lopes, 1987 : 64-65).

Da análise feita ao discurso de Máximo Dias em termos de progressão temática, verificamos que o autor, sem "fugir" do tema inicial ("os que agora prometem melhorar não têm experiência nenhuma") foi introduzindo outras informações, mas sempre na

perspectiva de estabelecer uma relação entre elas.

Notamos também a relevância da informação fornecida pelo Rema, que consiste no que o candidato diz acerca do ponto de partida do enunciado (Tema) a que se refere. Como indica o quadro III, abaixo, que sistematiza as relações de Tema e Rema, o autor desenvolve o tema inicial, referindo que a falta de experiência justifica-se pelo facto de, "durante 20 anos não terem feito nada, ou muito mas de mau".

Quadro I-Sistematização das relações Tema/Rema  
no discurso de Máximo Dias

| Tema   | Rema  |
|--|---|
| "Os que agora prometem melhorar não têm experiência nenhuma."(L4-5-6)  | " Durante 20 anos não fizeram nada, ou melhor, fizeram muito, mas de mau.Destruíram. "(L6-7)  |
| "Por causa deles houve guerra..." (L7-8)   | "E uma guerra que também foi mal conduzida, mal conduzida que levou 16 anos, porque nem sempre se orientou no sentido político." (L8-9-10)  |
| "As manobras exteriores aproveitaram-se do sentimento daqueles que pegaram em armas para combater o marxismo-leninismo..." (L12-13-14) | "Mas o combate da ditadura marxista não foi feito só por aqueles que pegaram em armas. O grande combate foi um combate político e este candidato que vos fala também fez essa luta..." (L14 a 17) |
| "Não é correcto quando um partido armado diz que trouxe a democracia." (L28-29)  | "Porque não é uma pessoa, é o povo moçambicano que lutou e eu, Máximo Dias, da minha parte também contribuí." (L29-30-31)   |

|   |   |
|---|---|
| <p>"O candidato Máximo Dias é totalmente diferente dos outros candidatos." (L37-38)</p> | <p>"Enquanto os outros candidatos prometem vida fácil para o povo, eu prometo vida difícil, mas com satisfação, em que o trabalhador quando volta para casa com o seu vencimento há-de-lhe chegar minimamente para o outro vencimento." (L38-39-40)</p> |
| <p>"Todos estão com boa vontade de servir o povo." (L49-50)</p>                         | <p>"Mas nem sempre estão preparados para servir o povo. O facto de alguém nos ter salvo de um acidente, o que nos preveniu não quer dizer que quando estamos doentes vamos pedir a esse para nos tratar. Cada um no seu lugar..." (L50 a 53)</p>        |

#### 1.1.2.2. Relações Semânticas de Causa/Consequência

Nesta dimensão de análise do discurso de Máximo Dias, verificamos que o autor não construiu a coerência do seu discurso com sequências textuais formadas por subordinação semântica de uma relação de causa/consequência entre os acontecimentos que estas sequências descrevem.

Mas, notamos o uso de conectores causais ao longo do discurso que fazem a combinação de frases e/ou de parágrafos do texto. Assim, os trechos seguintes mostram esta combinação. 1. "O grande combate foi um combate político, e este candidato Máximo Dias que vos fala fez essa luta. Por isso, procurou apoiar politicamente todas as forças contra o regime da ditadura de partido único". 2. "Quando um partido armado diz que nós trouxemos a democracia, não é correcto, pois não é

um partido, não é uma pessoa é o povo moçambicano que lutou". 3. "Não sai daqui para ter uma vida de luxo lá fora, sai porque cá dentro eu seria facilmente eliminado..." 4. "Não podia continuar aqui no País visto que, a única luta que Máximo Dias sabe fazer é a luta da razão, da demonstração por palavras, por actos e também pela minha própria conduta".

Deste modo, pode-se dizer que o autor apresentou, durante a campanha eleitoral, um discurso coerente, conseguido através do desenvolvimento linear dos acontecimentos, sem contradição entre vários parágrafos.

### 1.1.3. A Coerência entre o discurso de Máximo Dias e a estratégia da política eleitoral do Monamo/PSD

Segundo a estratégia do Monamo/PSD, o candidato deste partido às eleições presidenciais, Máximo Dias, devia deixar claro durante a campanha eleitoral que não estava interessado na conquista do poder, instando por isso os eleitores a votarem ou no candidato do Partido Frelimno, Joaquim Chissano, ou no da Renamo, Afonso Dhlakama, uma vez que se tratava de duas personalidades "tristemente conhecidas devido à guerra que acabavam de travar e com possibilidade de vencer a corrida eleitoral."

Neste sentido, de acordo com a estratégia do Monamo, Máximo Dias devia apresentar-se como candidato didáctico e ensinar aos outros como se faz a democracia para além de virar as atenções para a promoção da Acção Patriótica (coligação do Monamo e da Frente de Acção Patriótica), com o objectivo de ganhar as eleições legislativas (que decorriam em simultâneo com as presidenciais).

Porém, notámos que nem sempre os discursos deste candidato estiveram de acordo com a estratégia política do seu partido, durante a campanha eleitoral, tal como ilustram os extractos 1, 2 e 3 do quadro IV. Apenas no extracto 4 é que se verifica uma consonância entre o discurso e a estratégia política, pois, o autor explica a postura de uma pessoa que pode ser Chefe de Estado

Quadro- IV - Sistematização de alguns extractos do discurso de Máximo Dias e da estratégia eleitoral do Monamo

| Extracto(E) | Estratégia eleitoral do Monamo/PSD   | Discurso eleitoral de Máximo Dias   | Extracto(E) |
|-------------|--|---|-------------|
| E1          | "Máximo Dias candidato pelo partido Monamo apresentou-se como um caso único, não estava interessado em conquistar o poder." (L4-5-6) | "O candidato Máximo Dias é totalmente diferente dos outros candidatos. Enquanto os outros prometem vida fácil para o povo, eu prometo vida difícil, mas com satisfação..." (L37 a 43) | E1          |

|    |   |  |    |
|----|---|--|----|
| E2 | <p>"No programa televisivo, Máximo Dias devia dizer aos eleitores para não votarem nele, indicando porém em quem deviam votar: Chissano ou Dhlakama, porque estes dois tinham possibilidade de ganhar as eleições..." (L-10 a 16)</p> | <p>"Os que agora prometem melhorar não têm experiência nenhuma. Durante 20 anos não fizeram nada, ou melhor, fizeram muito, mas de mau. Destruíram. Por causa deles houve guerra."(L4 a 8)</p>               | E2 |
| E3 | <p>"O candidato Máximo Dias apresentou-se como didático e a sua campanha devia ser no sentido de evitar confrontações políticas e militares entre a Frelimo e a Renamo..." (L21 a 26)</p>   | <p>"O grande combate foi um combate político e este candidato que vos fala fez essa luta, procurou apoiar politicamente todas as forças contra o regime da ditadura, contra o partido único." (L15 a 20)</p> | E3 |

|    |  |  |    |
|----|--|--|----|
| E4 | <p>" A preocupação do candidato devia ser a forma do exercício do poder e não a tomada do poder em si. Durante a campanha, o candidato devia apenas apelar ao voto do eleitorado na candidatura legislativa da Acção Patriótica (Coligação do Monamo e da Frente de Acção Patriótica..."(L27 a 34)</p> | <p>"Devo dizer que todos estão com boa vontade de servir o povo, mas nem sempre estão preparados para isso... Cada um com a sua experiência, com a sua competência. Não é qualquer indivíduo, só porque é bom como mecânico, motorista, advogado ou médico, pode ser Presidente da República. A Presidência precisa de ter a consciência de todas as tarefas nacionais."(L49 a 69)</p> | E4 |
|----|--|--|----|

#### 1.4. Constatação

Durante a análise do discurso de Máximo Dias verificamos a macro estrutura de um texto argumentativo, formada por uma causa(tese) e conclusão (argumento).

Assim, ao longo do discurso, o candidato apresenta o seu posicionamento, face ao assunto que aborda, por intermédio de vários argumentos, com vista a obter um efeito persuasivo.

Por outro lado, notamos que o autor mantém o tema principal ("Os que agora prometem melhorar não têm experiência nenhuma") mas, ao mesmo tempo, imprime um dinamismo na comunicação, introduzindo progressivamente informações novas e estabelecendo uma relação entre os vários parágrafos e frases.

Desta forma, concluímos que Máximo Dias serviu-se da argumentação e coerência para persuadir os seus destinatários durante a campanha eleitoral de 1994.

Porém, se por um lado o autor foi coerente com o seu discurso, por outro, Máximo Dias já não o foi em relação à estratégia eleitoral definida pelo Monamo/PSD, pois observamos que não houve coerência entre o texto do candidato e a estratégia eleitoral do seu partido. Os extractos 1, 2 e 3 do quadro IV são prova desta constatação.

## II - O Candidato Joaquim Chissano

### 1.1.1. A argumentação

No discurso deste candidato notamos a existência de elementos de um texto argumentativo, entre eles os conectores argumentativos usados pelo autor para fazer a ligação de várias teses aos argumentos apresentados com vista à persuasão do eleitorado. O quadro V mostra os conectores existentes no discurso do candidato do Partido Frelimo às eleições presidenciais.

Quadro V- Sistematização dos conectores argumentativos

| Conectores | Frequência | Percentagem |
|------------|------------|-------------|
| Mas        | 5          | 35,7        |
| Enquanto   | 1          | 7,14        |
| Para que   | 2          | 14,2        |
| E          | 1          | 7,14        |
| Para       | 3          | 21,4        |
| Porque     | 1          | 7,14        |
| Pois       | 1          | 7,14        |

Apesar de ter usado frequentemente o articulador *mas* (35,7%), conforme mostra o quadro V, nota-se também que o autor procurou diversificar os instrumentos linguísticos de relação. Desta forma, Joaquim Chissano usou o articulador *para* em (21,4%) enquanto o conector *para que* foi usado em (14,2%).

Por outro lado, o autor utilizou os articuladores *enquanto*, *porque* e *pois* em (7,14%) cada. Tal facto indica que Joaquim Chissano socorreu-se de um discurso argumentativo para a persuasão dos seus potenciais eleitores. Notamos que os argumentos apresentados ao longo do desenvolvimento do discurso estão relacionados com o tema inicial: **"É fácil dizer que a Frelimo nada fez por Moçambique e pelo nosso povo. Mas é difícil esquecer que foi a Frelimo que nos trouxe, primeiro, a liberdade e, depois, a paz."**

Ainda nesta dimensão de análise, constatamos que os argumentos do candidato da Frelimo realizam-se em duas direcções: 1. Argumentos que justificam o passado, do tipo: A2 (L11 a 14), A3 (L19-20), A5 (L74-75), A6 (L83-84), A7 (L91-92), A8 (L101-102), A9 (L106) e A10 (L125), do quadro -VI (abaixo). 2. Argumentos que dão uma dimensão de futuro, com o A4 (L22 a 26), do mesmo quadro-VI.

Quadro VI- Sistematização dos argumentos do discurso de Joaquim Chissano

| Tese (T)   | Conectores | Argumentos (A)  |
|--|------------|---|
| T1- "É fácil dizer que a Frelimo nada fez por Moçambique." (L5-6)  | Mas        | A1- "É difícil esquecer que foi a Frelimo que nos trouxe, primeiro, a liberdade e, depois, a paz." (L6-7)   |
| T2- "Ninguém pode apetrechar a sua casa enquanto está a arder." (L9-10)  | Por isso   | A2- "Enquanto a luta armada devastava o nosso país, a Frelimo estava a lutar para que o nosso povo não perdesse a liberdade e para que não fosse violada a integridade desta terra." (L11 a 14) |
| T3- "É certo que a Frelimo cometeu alguns erros, como é certo que a própria guerra foi o maior dos erros." (L22) | Mas        | A3- "Não foi a Frelimo a fazer a guerra." (L19-20)  |

|  |              |   |
|--|--------------|---|
| <p>T4- "A Frelimo está a superar os próprios erros." (L22)</p>   | <p>Assim</p> | <p>A4- "Com a paz não perdemos tempo em iniciar a grande tarefa de reconstrução. Já estão projectos para reposição de energia de Cahora Bassa..."(L22 a 26)</p> |
| <p>T5- "Em 1962, sob a direcção de Eduardo Mondlane, eu próprio e jovens da minha geração, tomámos o compromisso de unir os moçambicanos, do Rovuma ao Maputo, para a conquista da independência.." (L69 a 73)</p> | <p>-</p>     | <p>A5- "O Compromisso foi cumprido." (L74-75)</p>   |
| <p>T6- "Em 1963, quando se criou a OUA, a África inteira e a Frelimo tomaram o compromisso de liquidar o colonialismo, o racismo e o apartheid, libertar o Continente..." (L78 a 83)</p>                           |              | <p>A6- "O compromisso foi cumprido." (L83-84)</p>   |

|   |          |   |
|---|----------|---|
| <p>T7- "Há 30 anos, 25 de Setembro de 1964, sob a direcção da Frelimo, eu e outros jovens pegámos em armas para erradicarmos o colonialismo português da nossa pátria..." (L86 a 91)</p>                      | <p>-</p> | <p>A7- "O compromisso foi cumprido." (L91-92)</p>   |
| <p>T8- "A 20 de Setembro de 1974 tomou posse o Governo de Transição. Era fundamental reconciliar a sociedade moçambicana, cicatrizar as feridas da guerra. Coube a mim dirigir o processo..." (L93 a 101)</p> | <p>-</p> | <p>A8- "O compromisso foi cumprido." (L101-102)</p> |

|   |          |  |
|---|----------|--|
| <p>T9- "A 25 de Junho de 1975 proclamou-se a independência nacional e jurámos servir a nossa pátria, reconstruí-la, edificar uma sociedade nova. Em Moçambique, na pátria surgiu uma alternativa de civilização ." (L103 a 106)</p>   | <p>-</p> | <p>A9- " O compromisso foi cumprido." (L106)</p> |
| <p>T10- "A alternativa de civilização foi alvo do racismo e do apartheid. Uma guerra foi desencadeada contra o povo moçambicano (...)<br/>Percorri, como um peregrino, várias capitais do mundo em busca da paz. A 4 de Outubro de 1992, em Roma, assinei o Acordo Geral de Paz, mandatado pela Frelimo e pela Assembleia da República." (L107 a 125)</p> | <p>-</p> | <p>A10- "O compromisso foi cumprido." (L125)</p> |

### 1.3. A coerência no discurso de Joaquim Chissano

#### 1.3.1. Sob o ponto de vista da Progressão temática

Da análise feita ao discurso de Joaquim Chissano sob o ponto de vista da progressão temática, verificamos que a articulação de informação entre o Tema e o Rema desenvolve-se de uma frase para outra e de um parágrafo para o outro.

No entanto, é a relevância dos elementos fornecidos pelo rema acerca do tema a que se refere que gera coerência discursiva e congruência semântica. Daí que o autor, à medida que vai desenvolvendo o tema ("É muito fácil dizer que a Frelimo nada fez por Moçambique e pelo nosso povo..."), introduz outras informações, conferindo um maior dinamismo na comunicação.

O quadro VII, Sistematiza as relações semânticas entre Tema/Rema.

**Quadro VII - Sistematização das relações semânticas entre Tema/Rema no discurso de Joaquim Chissano**

| Tema   | Rema  |
|--|---|
| "É muito fácil dizer que a Frelimo não fez nada por Moçambique, nem pelo nosso povo." (L5-6) | "Mas é difícil esquecer que foi a própria Frelimo que nos trouxe, primeiro, a liberdade e depois, a paz." (L6-7-8)  |
| "Enquanto a guerra devastava o nosso país..." (L11-12)                                       | "A Frelimo estava a lutar para que o nosso povo não perdesse a liberdade, para que não fosse violada a integridade desta terra que é também nossa..." (L12-13-14) |

|   |  |
|---|--|
| <p>"É certo que a Frelimo cometeu alguns erros..." (L18)</p>  | <p>"Mas também é certo que a guerra foi o maior dos erros. Não foi a Frelimo a fazer a guerra." (L19-20)</p>   |
| <p>"Crítico é fácil, como também é fácil destruir." (L12)</p> | <p>"Mas a verdade é que a Frelimo está a superar os próprios erros. Com a paz não perdemos tempo em iniciar a grande tarefa da reconstrução..." (L21-22-23)</p>  |
| <p>"Nós sabemos que ainda é pouco." (L49)</p>                 | <p>"Mas quando dissemos destruir é fácil, reconstruir, ao contrário, exige tempo, esforço e dinheiro. O que não podemos agora é perder tempo com ressentimentos e acusações. A hora é de trabalhar pelo futuro melhor." (L49 a 53)</p> |

### 1.2.2. Relações semânticas de Causa/Consequência

Nesta dimensão de análise do discurso de Joaquim Chissano, constatamos a existência de alguns pares de frases ligadas por uma relação semântica de Causa/Consequência. O Quadro VIII indica tal relação.

Quadro VIII - Sistematização das relações de causa/consequência no discurso de Joaquim Chissano

| Número | Causa   | Conectores | Consequência  |
|--------|---|------------|---|
| 1      | A Frelimo está a superar os próprios erros. (L22)                 | Dado que   | Com a paz não perdemos tempo em iniciar a grande tarefa da reconstrução. (L22-23)   |
| 2      | Tarefas de reconstrução reiniciam. (L22-23)                       | Assim      | Projectos de reposição de energia de Cahora bassa estão já em curso. (L26-27-28)  |
| 3      | Reabilitação das estradas recomeça em muitas províncias. (L29-30) | Deste modo | A reabilitação da estrada de Ressano Garcia, que constitui principal via de circulação de mercadorias, está bastante adiantada. (L30-31-32) |

|   |   |            |   |
|---|---|------------|---|
| 4 | Aos poucos a rede da educação está sendo reabilitada. (L33)   | Por isso   | Já foram inauguradas várias escolas em diversas regiões do país. (L34-35) |
| 5 | Todos os nossos principais portos foram reabilitados e ampliados em Pemba, Nacala, Beira e Maputo. (L39 a 42) | Deste modo | Com eles, o nosso país volta a exportar e a captar divisas. (L44-45)      |

### 1.3. A coerência entre a estratégia da Frelimo e o discurso de Joaquim Chissano

Segundo a estratégia eleitoral televisiva da Frelimo, o objectivo fundamental da política eleitoral era mostrar, através do programa televisivo que o candidato deste partido às eleições presidenciais era o melhor, pois tem uma longa experiência, quer política, quer de governação e, era por isso, "o único capaz de garantir um futuro melhor ao povo moçambicano".

Assim, nos seus discursos, Joaquim Chissano devia fazer referência às tarefas de reconstrução nacional, falando não só do passado, como também do futuro.

Notámos que existe uma consonância entre o discurso do autor e a estratégia eleitoral televisiva da Frelimo. O quadro IX mostra alguns extractos que ilustram esta coerência.

**Quadro IX - Sistematização de alguns extractos do discurso de Joaquim Chissano e da estratégia eleitoral televisiva do seu partido**

| Extracto (E) | Estratégia eleitoral da Frelimo na TVM  | Discurso eleitoral de Joaquim Chissano na TVM   | Extracto (E) |
|--------------|---|---|--------------|
| E1           | "Nos seus discursos o nosso candidato devia fazer referência às tarefas de reconstrução nacional e à paz, sem a qual nada pode ser feito." (L5-6-7) | "Com a paz não perdemos tempo em iniciar a grande tarefa da reconstrução. Estão em curso projectos de reposição da energia de Cahora Bassa. A reabilitação das estradas já começou em algumas províncias do país..." (L22 a 30) | E1           |

|    |  |   |    |
|----|--|---|----|
| E2 | <p>"O passado foi caracterizado por uma guerra de destruição, cujo responsável não foi o nosso partido. Este era um dos temas da mensagem do candidato da Frelimo." (L26-27)</p> | <p>"Enquanto a luta armada devastava o nosso país, a Frelimo estava a lutar para que o nosso povo não perdesse a liberdade e para que não fosse violada a integridade desta terra. É certo que a Frelimo cometeu alguns erros, como também é certo que a própria guerra foi o maior dos erros. Mas não foi a Frelimo a fazer a guerra." (L9 a 20)</p> | E2 |
|----|--|---|----|

|    |   |   |    |
|----|---|---|----|
| E3 | " A campanha eleitoral televisiva tinha também o objectivo de mostrar a superioridade do nosso candidato em termos de experiência política e de governação de longos." (L1 a 4) | "A 20 de Setembro de 1974 tomou posse o Governo de Transição, que tinha várias tarefas. Era fundamental reconciliar a sociedade moçambicana, cicatrizar as feridas da guerra, restaurar a confiança comum de todos os moçambicanos. Coube a mim dirigir o processo. A Frelimo mandatou-me para ser Primeiro-Ministro. Moçambique tornou-se exemplo de | E3 |
|----|---|---|----|

#### 1.4. Constatação

Da análise feita, notámosque para a persuasão do eleitorado, Joaquim Chissano recorreu a um texto basicamente argumentativo, constituído por argumentos produzidos com duas direcções: 1. Justificação do passado; 2. Perspectivação do futuro. Os argumentos estão ligados às suas teses por intermédio de conectores que colocam em jogo todo o movimento discursivo que opera no interior do texto.

Verificamos ainda durante a análise que a progressão temática favorece no discurso autor um desenvolvimento contínuo do tema e que, na dimensão da coerência global do discurso, a progressão temática estabelece um fio condutor no espaço textual.

Porém, a construção da coerência discursiva não se processou neste texto pela continuidade temática, como também por sequências textuais formadas por subordinação de uma relação de causa/consequência entre os acontecimentos descritos por tais sequências.

### III- O candidato Afonso Dhlakama

#### 1.1.1. A Argumentação

Quadro X- Sistematização de conectores argumentativos no discurso de Afonso Dhlakama

| Conectores | Frequência | Percentagem (%) |
|------------|------------|-----------------|
| Porque     | 1          | 20              |
| Para tal   | 2          | 40              |
| Mas        | 1          | 20              |
| Pois       | 1          | 20              |

A relação é tomada como uma das regras para o alcance de um discurso coerente, manifestando-se na estrutura de superfície, sobretudo através do emprego de conectores. O uso adequado destes elementos de ligação confere ao texto um

determinado significado, quer ao nível microestrutural, quer ao nível macroestrutural.

Da análise feita ao discurso de Afonso Dhlakama, sob o ponto de vista da argumentação, verificamos que o candidato estabelece uma relação entre vários elementos que compõem o seu texto, usando os conectores expressos no quadro X, acima.

Esta constatação de que o Afonso Dhlakama utilizou elementos de relação no seu discurso, pode levar a uma conclusão de que não existem problemas de articulação, segundo a estrutura do texto argumentativo.

Todavia, uma observação mais cuidada conduz à afirmação de que o candidato não usou de forma planificada o discurso argumentativo pois, enquanto em algumas frases ou parágrafos encontramos uma tese seguida de argumentos, noutros, verifica-se uma sucessão de ideias sem justificação explícita, a seguir exemplificadas:

E1- "Os tribunais serão do povo, a polícia também será do povo".

E2- "Os tribunais terão melhores condições e a polícia também".

E3- "Com Dhlakama no governo haverá uma política de inserção social".

E4- " Dhlakama e a Renamo vão garantir a privacidade e bem estar dos moçambicanos..." (vide D3, em anexo). Destes extractos pode-se inferir que existe uma situação de "cumplicidade" entre o candidato e o destinatário em relação à mensagem transmitida. Daí que Afonso Dhlakama não explicita os seus argumentos, para evitar a monotonia. Quer isto dizer que o candidato relata uma situação vivida também pelo destinatário. Mas os extractos contêm, para além da tese anunciada, argumentos que sustentam a posição assumida. Isto é, se o autor promete aos seus eleitores que os tribunais e a polícia serão do povo (pressupõe-se que em caso de vitória eleitoral), quer dizer que parte de uma situação em que tais estruturas não pertencem ao povo.

Verificamos também neste discurso elementos argumentativos, tais como teses e argumentos. O quadro XI indica tais argumentos.

Quadro XI - Sistematização dos argumentos existentes no discurso de Afonso Dhlakama

| Tese (T)   | Conectores | Argumentos (A)  |
|--|------------|---|
| T1- "Dhlakama e a Renamo são a mudança..." (L5)  | Pois       | A1- "Com a Renamo tens garantidas as condições necessárias para o acesso à Justiça." (L5-6)                                     |
| T2- "Não interessa se és rico ou pobre.." (L6-7-8)   | Porque     | A2- "Nós tratamos-te de igual para igual." (L7-8)   |
| T3- " Nos serviços de registo e notários, Dhlakama dará melhores condições para o atendimento público." (L18-19-20)  | Para tal   | A3- "Vamos simplificar e reduzir a formalidade, vamos facilitar e acabar com a burocracia, vamos mudar Moçambique." (L21-22-23) |
| T4- "O direito e a liberdade são garantias de um cidadão em qualquer estado democrático. Só com Afonso Dhlakama é que todos os moçambicanos viverão num clima de união e solidariedade." (L27-28-29) | Assim      | A4- "A Renamo vai ter de reestruturar os sistemas de administração interna." (L30-31)   |

|  |            |   |
|--|------------|---|
| <p>T5- "Com Dhlakama vamos ensinar todo o mundo a proteger o ambiente..." (L35-36)</p> | <p>Mas</p> | <p>A5- " Dhlakama e a Renamo não se preocupam só com a segurança do ambiente, preocupam-se também com a segurança social e a segurança pública." (L36 a 39)</p> |
|--|------------|---|

### 1.1.2. A Coerência discursiva em Afonso Dhlakama

#### 1.1.2.1. Sob o ponto de vista de progressão temática

A construção da coerência discursiva implica também, como referimos anteriormente, a progressão de informação no interior do texto (Reis-Lopes, 1987:64). Neste sentido, verificamos, tendo como base a articulação de informação entre tema e rema, uma continuidade do tema anunciado: "Dhlakama e a Renamo são a mudança". Tal se processa através da explicação que o autor dá aos eleitores sobre como se processarão tais mudanças referidas no tema.

Assim, verifica-se que o rema é portador de maior dinamismo comunitivo, pois é através dele que se desenvolve o ponto de partida da mensagem (tema). O quadro XII ilustra estas constatações.

Quadro XII - Sistematização das relações semânticas Tema/Rema no discurso de Afonso Dhlakama

| Tema   | Rema   |
|--|--|
| "Dhlakama e a Renamo são a mudança." (L5)  | " Pois com a Renamo tens garantidas as condições necessárias para o acesso à Justiça. " (L5-6)   |
| "Não interessa se és pobre ou rico..." (L6-7)  | "Porque nós tratamos-te de igual para igual." (L7-8)   |
| "As leis não são da Frelimo." (L9)   | "São leis do povo, leis dos moçambicanos. Os tribunais serão também do povo, assim como a policia será também do povo." (L9 a 12)  |
| "Nos serviços dos registos e notários, Dhlakama dará melhores condições para o atendimento público e formação para as pessoas que trabalham nesta área." (L18-19-20) | "Para tal, vamos simplificar e reduzir a formalidade, vamos acabar com a burocracia, vamos mudar Moçambique." (L21-22-23)  |
| "O direito e a liberdade são garantias de um cidadão em qualquer estado democrático..." (L27-28)   | "Só com Afonso Dhlakama é que todos os moçambicanos viverão num clima de união e solidariedade. Para tal, a Renamo vai ter de reestruturar os sistemas de administração interna." (L28 a 31) |

|  |   |
|--|---|
| <p>"Com Dhlakama vamos ensinar todo o mundo a proteger o ambiente." (L35-36)</p> | <p>"Mas Dhlakama não se preocupa só com o ambiente, preocupa-se com tudo, com a segurança social e com a segurança pública. Irmãos, vamos mudar Moçambique." (L36 a 39)</p> |
|--|---|

### 1.3. Coerência entre a estratégia da Renamo e o discurso de Afonso Dhlakama

Segundo a estratégia da política eleitoral da Renamo, constituía objectivo da campanha, quer através do programa televisivo, quer do contacto directo com a população, transmitir aos eleitores a proposta do programa de governação deste partido, caso vencesse as eleições.

Assim, verificamos que houve consonância entre o discurso do candidato às eleições presidenciais e a estratégia eleitoral do seu partido. Como pudemos constatar, Afonso Dhlakama procurou, durante a propaganda eleitoral, promover a sua imagem, assim como a da Renamo.

Aliás, também era objectivo deste partido apresentar uma personalidade diferente daquela que foi conhecida durante o período da guerra.

No quadro seguinte, apresentamos alguns extractos da estratégia eleitoral e o discurso de Afonso Dhlakama, ilustrando a consonância entre ambos.

Quadro XIII - Sistematização dos extractos da estratégia eleitoral da Renamo  
e do discurso de Afonso Dhlakama

| Extracto (E) | Estratégia eleitoral da Renamo   | Discurso eleitoral de Afonso Dhlakama  | Extracto (E) |
|--------------|--|--|--------------|
| E1           | "O nosso objectivo na campanha eleitoral era de transmitir a nossa proposta de governação e dizer aquilo que iríamos fazer caso ganhássemos as eleições e também transmitir uma mensagem de um partido que, de facto, não é enganador como os outros partidos." (L1 a 6) | "Nos serviços de restos e notários, Dhlakama dará melhores condições para o atendimento público e formação para o pessoal que trabalha nesta área. Para tal, vamos simplificar e reduzir a formalidade, vamos facilitar e acabar com a burocracia, vamos mudar Moçambique." (L18 a 23) | E1           |

|    |  |   |    |
|----|--|---|----|
| E2 | <p>"Eu devia e dizia ao povo que a única alternativa do país é a Renamo e apresentava a nossa proposta de governação nas áreas da Justiça, Saúde, Habitação, Transporte.."</p> <p>(L13 a 16)</p> | <p>"Dhlakama e a Renamo são a mudança, pois tens garantidas as condições necessárias para o acesso à Justiça. As leis não são da Frelimo, são leis do povo, leis dos moçambicanos."</p> <p>(L5 a 10).</p> <p>Dhlakama vai criar iniciativas de protecção social, garantir apoio financeiro para despesas médicas, criar melhores condições de vida..." (L45 a 48)</p> | E2 |
|----|--|---|----|

|    |   |   |    |
|----|---|---|----|
| E3 | <p>"Outro ponto que devia referir está relacionado com o equilíbrio regional, sem abordar a questão da igualdade, porque ela não existe. Mesmo na América, onde há democracia não há igualdade, há pobres e ricos. Mas é preciso que haja um pouco de equilíbrio no padrão de vida..." (L17 a 24)</p> | <p>"Não interessa se és pobre ou rico, porque nós tratamos-te de igual para igual.": (L6-7-8)</p> | E3 |
|----|---|---|----|

|    |   |   |  |
|----|---|---|--|
| E4 | <p>"Eu devia transmitir aos eleitores a mensagem de que a Renamo é a única força no país que libertou o povo e que só haveria mudanças e democracia em Moçambique se ganhássemos as eleições, porque foi a Renamo que trouxe a abertura e a democracia ao país." (L40 a 46)</p> | <p>"O direito e a liberdade são garantias de um cidadão em qualquer estado democrático. Só com Afonso Dhlakama é que todos os moçambicanos viverão num clima de união e solidariedade.(L 27 a 31) "Com Dhlakama e a Renamo a democracia é fácil e real. Vamos mudar Moçambique. (L54-55-56)</p> |  |
|----|---|---|--|

#### 1.1.4. Constatação

Da análise feita, constatamos no discurso do autor a macro- estrutura de um texto argumentativo. Porém, nem todas as teses existentes neste discurso são argumentadas, daí que concluímos que o autor não usou de forma planificada este tipo de discurso.

O desenvolvimento contínuo do tema "Dhlakama e a Renamo são a mudança" surge como gerador de coerência no discurso do autor. Esta coerência é completada pela consonância que se verifica entre o discurso do autor e a estratégia definida pela Renamo para a campanha eleitoral de 1994, segundo a qual o candidato às eleições presidenciais tinha a missão de apresentar aos eleitores uma imagem do partido Renamo e do seu líder diferente da que foi conhecida durante o período da guerra civil em Moçambique.

#### IV - O Candidato Wehia Ripua

##### 1.1.1. A argumentação no discurso de Wehia Ripua

**Quadro XIV - Sistematização dos conectores lógicos no discurso de Wehia Ripua**

| Conectores | Frequência | Porcentagem (%) |
|------------|------------|-----------------|
| Por causa  | 1          | 10              |
| Por isso   | 3          | 30              |
| Mas        | 1          | 10              |
| Porque     | 3          | 30              |
| Então      | 2          | 20              |

Analisando o discurso do candidato do Pademo às eleições presidenciais, sob o ponto de vista da argumentação, verificamos que embora existam alguns elementos de um texto argumentativo, nomeadamente conectores argumentativos, tais como Porque e Por isso em 30% cada um, Então, em 20% e Mas e Por Causa em 10% cada, segundo o quadro acima., o autor revela dificuldades em apresentar de forma clara, razões para sustentar a sua tese. O extracto seguinte sustenta esta constatação: "Eu estou muito triste por ver os cidadãos nacional a passar mal, não tem ajuda. Um cidadão sério quer desenvolver-se a partir dele próprio no país, vai pedir empréstimo no banco, ora diz-se vem amanhã ou depois no dia x e, este cidadão está necessitado mas o banco exige sempre uma percentagem muito alto que o cidadão não aguenta, não tem dinheiro, mas quer começar qualquer coisa pouco a pouco e o cidadão vai para longe..." (L2 a 18). Como se pode verificar neste extracto, o autor anuncia uma tese: "os cidadãos nacionais não têm ajuda, e por isso estão a passar mal". Porém, quer nos parecer que o autor argumenta esta posição com as dificuldades com que se depara o cidadão quando vai ao banco solicitar um empréstimo pois este exige uma participação em dinheiro muito além das possibilidades do cidadão.

Porque existe um défice no código utilizado, Wehia Ripua não chega a

apresentar claramente a sua mensagem, numa estrutura argumentativa formada por uma tese e argumento, para dizer que se cumpre a sua intenção comunicativa, tendo em conta os factores situacionais.

Notamos que neste discurso o autor não realiza as operações necessárias para expressar verbalmente esse plano, de que através de estruturas superficiais o receptor seja capaz de reconstituir a intenção comunicativa inicial.

Assim, do extracto tal como "O nosso país foi roubado", pode se inferir que "alguém roubou o país". Mas, partindo de um princípio lógico de que um país não se rouba, concluímos que não era esta a mensagem que o autor queria apresentar aos eleitores.

### 1.1.2. A coerência no discurso de Wehia Ripua

#### 1.1.2.1. Sob o ponto de vista da progressão temática

Analisando o discurso do autor sob esta dimensão, verificamos que existem rupturas temáticas bruscas, assim como a impossibilidade de articular linearmente, do ponto de vista semântico, segmentos subsequentes do texto, motivados pela não aplicação de mecanismos linguísticos que funcionam como processos de sequencialização, assegurando uma ligação semântica entre os elementos da superfície textual, anáforas e outros processos de interação de unidades léxicas por sinonímia ou hiponímia, que favorecem um desenvolvimentivo temático contínuo no espaço textual.

Neste sentido, notamos uma incoerência bastante significativa no discurso de Wehia Ripua, confirmada pelos extractos que citamos:

E1- "Bom, eu gostaria falar aqui do nosso programa de governação. Eu estou triste por ver os cidadãos nacional passar mal, não tem ajuda..." (L2 a 7) do D-4, em anexo.

E2- "Mas quem pode ser emprestado é o indiano. O nosso irmão indiano tem, e quando não tiver dinheiro, então os outros indianos apoiam a ele e assim, os indianos estão muito em cima em termos económicos. O estado sabe que os indianos não apoiam o cidadão nacional e nunca o apoiarão. (L20 a 26)

E3- "Mas o governo da Frelimo faz e fez coisas e o povo também sabe. Então o meu ponto principal é empréstimos para os nacionais. Se nós não vamos emprestar

a eles, como vão desenvolver-se economicamente ?"

No E1, o autor inicia o seu discurso afirmando que vai falar do programa de governação mas, em vez disso, aborda problemas que se prendem com o facto de os cidadãos não estarem a beneficiar de nenhuma ajuda. Isto quer dizer que há contradição entre o que Wehia Ripua anuncia e o que desenvolve, originando por incoerência.

No E2 constatamos que também há uma incoerência discursiva. Primeiro o autor refere que o indiano é que beneficia de empréstimo(o que pressupõe pelo banco), mas ao desenvolver esta posição, diz que o indiano tem e quando não tem dinheiro, os outros emprestam-lhe.

Por outro lado, ao afirmar que o cidadão nacional não tem ajuda, deixa entender que tal falta de apoio é por parte do governo. Mas o autor refere depois que o estado sabe que os indianos não apoiam o cidadão nacional e nunca o apoiarão.

No E3 também verificamos que existe incoerência, uma vez que não está claro o que o autor pretende transmitir. Por um lado, afirma que o governo faz e fez coisas que o povo também sabe e, por outro, retoma o tema relacionado com a falta de empréstimos para os cidadãos nacionais.

Assim, concluímos que não há um desenvolvimento temático contínuo no discurso de Wehia Ripua e o autor não é coerente no que diz, pois os enunciados ou frases imediatamente subsequentes são contraditórios e alguns até equivalentes. (vide D4, em anexo).

No entanto, verificamos que Wehia Ripua utiliza também a linguagem gestual para reforçar o significado expresso pelas palavras . O discurso do autor (D4, em anexo) contém inserções gestuais .

### **1.3. A coerência entre o discurso de Wehia Ripua e a estratégia eleitoral do Pademo.**

A estratégia eleitoral do Pademo baseava-se na divulgação dos objectivos e vantagens de um estado federal em Moçambique. O quadro XV ilustra alguns destes extractos.

Quadro XV - Sistematização de alguns extractos do discurso de Wehia Ripua e da Estratégia da política eleitoral do Pademo

| Extracto (E) | Estratégia eleitoral do Pademo   | Discurso de Wehia Ripua  | Extracto (E) |
|--------------|--|--|--------------|
| E1           | "Com o programa da TVM e mesmo nas províncias, pretendíamos divulgar as vantagens de um estado federal e levar o povo a entender que só com o federalismo é que podemos resolver os problemas do país, a falta de escolas, habitação e custo de vida, etc." (L1 a 5) | "Eu, Wehia Ripua, vou pensar muito sobre o nosso país. O nosso país sofreu muito por causa da guerra e da corrupção. Mas eu gostaria falar aqui do nosso programa de governação. Eu estou muito triste por ver os cidadãos nacional a passar mal, não têm ajuda." (L1 a 7) | E1           |

|    |   |   |    |
|----|---|---|----|
| E2 | <p>"Também era nosso objectivo dar a entender às pessoas que o sistema federal em Moçambique defendido pelo Pademo é mal interpretado pelo Governo da Frelimo. O próprio Chissano diz que os que defendem sistema federal em Moçambique não sabem o que fazem, apenas pretendem dividir o país. Assim, devíamos explicar que com este sistema o povo só tem a ganhar, porque em cada estado</p> | <p>"Um cidadão sério quer desenvolver-se a partir dele próprio, mas o Banco exige participação numa percentagem muito alto que o cidadão não aguenta, quer começar qualquer coisa para desenvolver-se."<br/>(L8 a 68)</p> | E2 |
|----|---|---|----|

Como ilustram estes extractos, existe uma dissonância entre o discurso de Wehla Ripua e aquilo que constituía estratégia da política eleitoral do Pademo. Ao longo do seu discurso, o autor não faz referência à política defendida pelo seu partido: "Federalismo", nem aborda a questão das vantagens deste sistema de governação, embora tal facto fosse um dos objectivos da campanha eleitoral. Isto poderá significar que o autor nem sempre agiu de acordo com a estratégia eleitoral definida pelo Pademo para a persuasão do eleitorado moçambicano, o que poderá ter tido reflexos negativos nos resultados da campanha de 1994.

#### **1.1.4. Constatação**

Da análise feita, constatamos que o autor revelou, durante a campanha eleitoral de 1994, dificuldades em transmitir uma mensagem argumentativa e coerente, uma vez que anuncia temas que não chega a desenvolver com clareza para obter um efeito persuasivo eficaz.

A incoerência verificada relaciona-se com a contradição entre os enunciados subsequentes. Por outro lado, notamos que o autor não foi coerente não só com o seu discurso, como também com a estratégia do seu partido para o programa eleitoral.

#### **O Efeito da propaganda ou "marketing" político junto do eleitorado moçambicano**

Segundo Bongrand(1986:21), o "marketing" político é o conjunto de técnicas que têm como objectivo favorecer a adequação de um candidato no seu eleitorado potencial, torná-lo conhecido do maior número possível de eleitores, criar a diferença em relação aos outros concorrentes e/ou adversários e, com um mínimo de meios, otimizar o número de votos que é necessário ganhar durante a campanha eleitoral. Para a avaliação do efeito da propaganda política conduzida pelos quatro candidatos em estudo, nomeadamente Máximo Dias, do Monamo, Joaquim Chissano, da Frelimo,

Afonso Dhlakama da Renamo e Wehia Ripua, do Pademo, realizamos um pequeno inquérito, envolvendo 30 telespectadores da Televisão de Moçambique, todos pertencentes ao Círculo Eleitoral da Cidade do Maputo. Metade são homens e metade são mulheres, sendo 10 professores e cinco estudantes do ensino superior, cinco jornalistas e 10 outros funcionários. O quadro XVI (em anexo) ilustra alguns resultados do inquérito. Dos inquiridos, 76,6% votaram em Joaquim Chissano, do Partido Frelimo, 6,6% escolheram Máximo Dias, 6,6% votaram Afonso Dhlakama e 3,3% depositaram um voto para Wehia Ripua, do Pademo. Por outro lado, 3,3% votaram noutros candidatos que não fazem parte do nosso estudo.

A escolha destes candidatos não teve na maior parte dos casos, a ver com a filiação partidária dos inquiridos. Apenas 3,3% é que disseram ter votado por determinado candidato motivados pelo factor de comungarem os mesmos ideais políticos.

Bongrand (1986:22) afirma não haver dúvida de que tanto em França (onde realizou o estudo), como em todo o resto do mundo, cerca de três quartos dos eleitores sabe antecipadamente em quem vai votar. O que está em causa é uma minoria flutuante que só escolherá o seu candidato no último momento. Através do inquérito realizado, constatámos ser verdade este facto, pois 83,3% dos inquiridos afirmaram que já sabiam em quem iriam votar mesmo antes da propaganda política oficial começar; 13,3% estavam indecisos e 3,3% não tinham opção, até à data do início da campanha.

Nestes casos, de acordo com Bongrand (Ibid), a escolha seria feita tendo em conta critérios afectivos e irracionais. De qualquer forma, a escolha será ditada pela diferença criada pelo candidato em relação aos outros, através de um estilo próprio de comunicação, da organização e seriedade da sua campanha, das suas capacidades de contacto, acompanhado pelo melhor "marketing" e associado à psicologia de comunicação mais sensível.

De facto, os 13,3% de indecisos e 3,3% dos que não tinham opção até à altura da campanha, afirmaram que não estavam seguros da seriedade dos candidatos e nem sequer conheciam os seus programas de governação. Por isso, era quase impossível optar por qualquer um deles, embora já conhecessem um e outro, por outros motivos.

Todavia, para a maior parte dos inquiridos - 66,6% - o conteúdo do discurso e a forma como ele foi apresentado, não influenciaram a sua escolha, porque durante a campanha não estiveram atentos a estas questões, pelo facto de terem já a sua escolha feita.

Apenas 33,3% dos inquiridos afirmaram ter seguido com atenção quer a forma como os candidatos se apresentavam na televisão como os próprios conteúdos discursivos, facto que culminou na maior dos casos, com a cristalização de opiniões antecipadas (a mudança de opinião verificou-se em 6,6 % destes eleitores). A razão da mudança de opinião foi a pouca seriedade verificada em alguns candidatos durante a campanha eleitoral. Bongrand (op.cit.:21) afirma que casos de mudança de opinião ocorrem geralmente em pequena escala.

Como se pode ler no quadro XVII(em anexo),que indica os resultados do inquérito quanto à seriedade dos políticos, 90% dos inquiridos consideram sério a Joaquim Chissano do partido Frelimo, e a sua campanha, enquanto 70% depositaram o seu voto de seriedade ao candidato do Monamo, Maximo Ddias. Afonso Dhlakama recebeu 30% de votos de seriedade e Wehia Ripua teve apenas 20%. Todavia, nem todos consideram sérios os candidatos. Assim, o candidato do partido Frelimo foi considerado pouco sério por 10%, Máximo Dias por 26,6%, Afonso Dhlakama por 43,3% e Wehia Ripua por 16,6%. Quanto à não seriedade, Chissano não recebeu nenhum voto.

Se Joaquim Chissano não teve nenhum voto de não seriedade, Wehia Ripua do Pademo recebeu a nota máxima de 63,3%, seguido de Afonso Dhlakama com 43,3% e Máximo Dias, por último, com 3,3%.

Se por um lado, 63,3% de inquiridos disseram que tais qualidades não influenciaram muito a sua escolha, por outro, 36,3% afirmaram ter votado na sequência da seriedade demonstrada pelos candidatos quer durante a campanha quer mesmo antes, no período pré-campanha, porque não podiam confiar um país a um indivíduo que passado algum tempo o conduziria ao abismo.

De igual modo, para 66,6% de inquiridos, o conteúdo do discurso não contou muito para decisão tomada e 33,3% levaram-no em consideração. A primeira posição teve a ver com a escolha antecipada dos candidatos antes mesmo da campanha se iniciar e o segundo prendeu-se com a necessidade de ouvir o que cada candidato

propunha e, em função disso, fazer a escolha ou consolidar a opinião inicial.

A experiência política, e outras qualidades tais como "homem democrata", "didático" e "federalista" foram referenciadas pelos próprios candidatos em certas ocasiões ou pelos seus representantes. O inquérito abordou também este assunto, no sentido de verificar até que ponto os autores eram considerados portadores destas qualidades pelos eleitores. O quadro XVIII (em anexo), ilustra os resultados do inquérito sobre esta questão.

A uma questão sobre se caso as eleições se realizassem hoje escolheriam o mesmo candidato, todos os inquiridos afirmaram que sim, porque ainda mantêm a sua posição em relação ao seu voto.

Analisados os resultados do inquérito-embora a amostragem seja reduzida, quer nos parecer que a campanha eleitoral realizada pelos vários candidatos às eleições presidenciais de Outubro de 1994 (pelo menos por intermédio da TVM) não teve grande efeito junto do eleitorado, uma vez que a maioria já tinha a sua opção.

Por outro lado, os dados levam-nos a afirmar que 83,3% de eleitores da Cidade do Maputo depositaram o seu voto a favor de Joaquim Chissano, do partido Frelimo, porque o consideram o mais sério (90%), político experiente (100%) e homem democrata (26,6%).

Afonso Dhlakama, da Renamo, que no Círculo eleitoral de Maputo ficou em segundo lugar com 8,22%, dos teve 30% de seriedade, 40% de homem democrata, enquanto em relação à experiência política, foram-lhe atribuídos apenas 10%.

Máximo Dias, embora ao nível do País se tenha posicionado em quinto lugar (segundo os dados oficiais), no Círculo de Maputo recebeu 1,17 % dos votos. O inquérito indica que o mesmo candidato foi considerado sério por 70%, dos eleitores inquiridos, didático por 63,6 % e experiente político por 20 %, enquanto que Wehia Ripua, que escrutinados os dados referentes a todo o País ocupou a terceira posição, em Maputo recebeu apenas 0,24 %. De acordo com os resultados do inquérito, este candidato foi considerado não sério por 63,3 % dos inquiridos 6,6 % o consideraram democrata e igual percentagem de experiente político.

Em campanhas eleitorais coloca-se a questão da capacidade do candidato de se mostrar diferente dos outros, através de um estilo próprio de comunicação, da organização e seriedade da sua campanha, das capacidades de contacto, para a persuasão do eleitorado.

## **Capítulo IV : CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES**

**Finda a análise de dados, apresentamos neste capítulo as conclusões obtidas e algumas recomendações para futuros trabalhos nesta área.**

## V - Conclusões e recomendações

### .1. Conclusões

Quando iniciámos o presente estudo, definimos como objectivo principal, por um lado, a análise das estratégias comunicacionais usadas pelos quatro políticos seleccionados, durante o período oficial da propaganda política para as eleições presidenciais de 1994 : 22 de Setembro a 24 de Outubro do mesmo ano. Por outro, propusemo-nos analisar os efeitos desta campanha, através da realização de um inquérito público, envolvendo 30 telespectadores da Televisão de Moçambique e todos pertencentes ao Circulo Eleitoral da Cidade do Maputo.

Terminada a análise, verificamos que cada um dos quatro candidatos em estudo utilizou, para a organização do seu discurso, certos mecanismos com maior frequência que outros.

Assim, no discurso de Máximo Dias, candidato do Monamo às eleições presidenciais, encontrámos um texto argumentativo com 10 conectores que ligam os vários argumentos apresentados ao eleitorado e um desenvolvimento temático contínuo linear simples. Verificamos que Máximo Dias mantém, ao longo do seu discurso, o tema inicial: "Os que prometem agora melhorar não têm experiência nenhuma". Mas, ao mesmo tempo, ele vai introduzindo outros elementos informativos, conferindo um maior dinamismo comunicativo ao seu discurso.

Notámos também que, se por um lado, o autor é coerente em relação ao seu discurso, por outro, Máximo Dias nem sempre agiu de acordo com a estratégia eleitoral definida pelo seu partido. Segundo a estratégia do Monamo/PSD, o autor deveria apresentar-se sempre como um candidato didáctico e não manifestar nenhum interesse pela conquista do poder. Só que o autor nem sempre respeitou esta estratégia, e, prova disso são os extractos 1,2 e 3 do quadro IV.

Perante tudo isto, concluímos que o candidato do Monamo/PSD utilizou durante a sua propaganda política duas estratégias principais: argumentação e coerência discursiva.

No discurso de Joaquim Chissano, candidato do partido Frelimo verificámos que o autor utilizou também a argumentação para a persuasão do seu eleitorado. O

discurso do autor contém 14 conectores que ligam os vários argumentos existentes. Trata-se de um discurso justificativo quer daquilo que não foi realizado no passado, como do que está já em curso ou que seria realizado no futuro pelo seu governo, em caso de vitória eleitoral.

Ao mesmo tempo, o autor relata a sua longa experiência política e de governação, procurando demonstrar a sua superioridade em relação aos outros candidatos.

A progressão semântica favorece o desenvolvimento contínuo do tema inicial: "A Frelimo falhou mas fez muito por Moçambique", no discurso de Joaquim Chissano. Deste modo, a progressão temática na dimensão da coerência global do discurso estabelece o fio condutor no próprio espaço textual, ao mesmo tempo que do ponto de vista da articulação de unidades de informação nova e unidades de informação dada, introduz sempre informação nova, imprimindo uma dinâmica sempre renovada aos acontecimentos relatados.

Para além da coerência discursiva, notámos uma consonância entre o discurso do autor e a estratégia política eleitoral televisiva definida pelo seu partido.

Segundo a estratégia política televisiva, o candidato do partido Frelimo devia apresentar o programa de governação do partido para os cinco anos seguintes. Por outro lado, devia fazer referência ao passado, caracterizado por uma guerra, cujo responsável não foi o seu partido, para além de demonstrar a sua superioridade em relação aos outros candidatos, recorrendo à longa experiência política e de governação, não só do próprio candidato como também dos quadros do seu partido. Durante a nossa análise, constatámos estes factos e o exemplo disso são os extractos dos quadros VI e X.

Neste sentido, concluímos que o autor serviu-se da argumentação, coerência discursiva, a justificação do passado, perspectivação do futuro e consonância entre o seu discurso e a estratégia eleitoral definida pelo partido Frelimo, para a persuasão do eleitorado, factos que terão ditado os resultados eleitorais a seu favor.

Ainda na nossa análise verificámos que, enquanto Máximo Dias e Joaquim Chissano apresentaram textos correctamente estruturados em termos de argumentação (uma tese, seguida de argumento), o mesmo já não se nota no discurso de Afonso Dhlakama, da Renamo, e de Wehia Ripua, do Pademo, embora

entre eles também existam diferenças, quer na organização, quer nos próprios conteúdos.

Deste modo, notámos que no discurso de Afonso Dhlakama existem por vezes ideias seguidas de argumentação e noutras, apenas uma sucessão de ideias.

Com os argumentos de que se serve, o autor pôde ou não levar o receptor a aderir ao seu ponto de vista. Aliás, a argumentação tem este objectivo, de alterar as convicções de outrem.

Quanto à progressão temática, notámos que o autor mantém ao longo do seu discurso o tema principal : - "Só com Afonso Dhlakama e a Renamo haverá mudanças em Moçambique" - e vai introduzindo informação nova, seguindo o padrão de progressão temática linear simples.

Concluimos também que durante a campanha eleitoral, o autor procurou "promover" a sua imagem e a do seu partido, para além de apresentar a proposta de governação da Renamo, facto que constituía objectivo principal da estratégia eleitoral definida pelo partido, quer para o programa televisivo como para os contactos directos com a população.

Assim, o candidato da Renamo usou a coerência discursiva e a consonância entre os seus discursos e a estratégia do partido para a persuasão do eleitorado.

Quando analisámos o discurso do candidato do Pademo, Wehia Ripua, notámos que o autor teve dificuldades em ordenar os argumentos de modo a obter um encadeamento. Aliás, pareceu-nos que o autor produziu o seu discurso sem plano, foi revelando as informações à medida que lhe afluíam à memória (Vide D4, em anexo) o que concorreu para a incoerência discursiva. Isto é, há rupturas temáticas bruscas. O autor anuncia um tema e aborda de imediato um outro, desenvolvendo-o com pouca clareza. Um texto é coerente se os enunciados ou frases imediatamente subsequentes, não são equivalentes ou contraditórias.

De igual modo verificámos que o autor não foi de acordo com a estratégia eleitoral definida pelo seu partido, segundo a qual era importante que Wehia Ripua divulgasse, durante a propaganda eleitoral televisiva, as vantagens do sistema federal em Moçambique, levando os eleitores a entenderem que o federalismo defendido pelo

Pademo é mal interpretado pelo partido então no poder, Frelimo, mas que o povo só tem a ganhar com este tipo de sistema governativo. Porém, constatámos que o autor não fez referência ao federalismo no seu discurso.

Assim, concluímos que o autor não teve uma estratégia comunicacional bem definida e nem sempre respeitou a estratégia política eleitoral definida pelo seu partido.

Por outro lado, analisados os dados do inquérito, verificámos que 83,3% dos inquiridos já tinham decidido, antes do início da campanha, em quem iriam votar e, por isso, os discursos políticos proferidos pelos vários concorrentes e mesmo a apresentação dos candidatos na TVM, não foi tomada em consideração por estes eleitores para a tomada de posição.

Desta forma, podemos afirmar que a campanha eleitoral na televisão apenas atingiu 16,6 % dos inquiridos (dos quais 13,3% estavam indecisos à data do início da propaganda, e 3,3% não tinham opção, pois esperavam ver a seriedade quer dos próprios candidatos, quer das suas campanhas, para em função disso e do que cada um deles apresentava como alternativa do regime vigente em 1994, depositarem o seu voto).

Desta forma, embora tenha sido uma amostra referente ao Circulo Eleitoral da Cidade Maputo, os dados obtidos são um indicativo daquilo que foi o resultado da propaganda política para as eleições presidenciais de 1994, que envolveram 12 candidatos.

Perante isto tudo, podemos dizer que se confirmam as nossas hipóteses, segundo as quais: 1- "Persuadir os destinatários é um objectivo possível se a mensagem transmitida vai de acordo com as expectativas do destinatário"; 2-"A maior parte dos eleitores sabe antecipadamente em quem vai votar, o que está em causa é uma minoria flutuante que só escolherá o seu candidato no último momento e que pode ser influenciada pela propaganda eleitoral".

## 1.2. RECOMENDAÇÕES

Numa sociedade como a moçambicana, em que se está a aprender o que é a democracia e onde até há um ano poucas pessoas sabiam o que eram de facto eleições multipartidárias, julgamos que um trabalho como este poderá

contribuir para a educação dos eleitores, de modo a fazerem uma leitura daquilo que é a mensagem dos políticos em época de campanha eleitoral, com vista à deposição do voto.

Assim, recomendamos que se faça um estudo mais aprofundado sobre o discurso político, analisando mais discursos e estudando o efeito desses mesmos discursos junto do eleitorado, não só de um Círculo Eleitoral e de um ponto específico como a TVM, mas sim de todo o país, pois tal poderá dar uma maior dimensão daquilo que é o discurso político/eleitoral em Moçambique.

Segundo, recomendamos aos eleitores que façam uma apreciação daquilo que os candidatos dizem durante a campanha, em função daquilo que constitui as políticas e programas definidos por cada partido.

Por fim, recomendamos aos políticos que, se pretendem efectivamente conquistar o voto, devem produzir discursos coerentes, tendo sempre presente o tema, mas com um maior dinamismo comunicativo fornecido através da relevância do tema.

A argumentação é a base de um discurso político e é constituído por uma tese e argumento(s). Aliás, é através dos argumentos que o autor do discurso pode ou não levar os destinatários a aderirem a uma determinada causa. Neste sentido, é fundamental a produção de um discurso argumentativo, porque só os argumentos poderão levá-lo a alterar ou reforçar as convicções do destinatário.

## **Capítulo V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**Apresentamos aqui aquilo que constituiu nossa bibliografia para a realização deste estudo. Os livros por nós consultados mas que não foram citados ao longo do trabalho não estão aqui mencionados.**

## V. BIBLIOGRAFIA

- Aguiar e Silva, V. M., (1988), Teoria da Literatura, 8-Edição, Livraria Almedina, Coimbra.
- Benveniste, Emile, 1966, Problemes de Linguistique Générale II, Paris Gallimand, P. 80-82.
- Bongrand, Michel, (1986), O Marketing Político, Publicações Europa-América, Lda, Portugal.
- Brown, Gillian & Yule, George (1983), Discourse Analysis, Cambridge University Press.
- David, D. Quintric; Schroeder, H.C., Le Marketing Politique, (1978) PUF, Paris.
- De Fleur, M. (1970), Theories Of Communication, Mckay, New York, 2- Edição.
- Fonseca, Joaquim (1992), Linguística e Texto/Discurso. Teoria, Descrição, Aplicação, ICALP, Lisboa.
- Halliday, M.A. K. e Hassa, R. (1976), Cohesion in English, Longman Group Ltd.
- Halliday, M. A. K., (1985), An Introduction to Functional Grammar, Edward Arnold, A Division of Hodder & Stoughton.
- Lampreia, Martins (1991), Técnicas de Comunicação. Publicidade, Propaganda e Relações Públicas, Publicações Europa-América, Lda, Lisboa.
- Lopes, A. J. (1986), Interlingual Discourse Transfer: Mozambican-Portuguese to English, Tese de Doutoramento (não publicada), University of Woles, Grã-Bretanha.
- Lazerfeld, Paul; Berelson, B.; Gaudet, H. (1944), The People's Choice, New York, Columbia University Press.
- Maingueneau, Dominique (1991), L'Analyse du Discours, Introduction aux Lectures de L'archive, Hachette, Paris.
- Mateus, Maria Helena Mira, Et Al, (1989), Gramática da Língua Portuguesa, 2-Edição, Revista e aumentada, Editorial Caminho, SA, Lisboa.
- Metzeltin, Michael (1981), Introdução à Leitura do Romance da Raposa. Ciência do Texto e sua Aplicação, Livraria Almedina, Coimbra.
- Reis, Carlos e Lopes, A. C. M. (1987), Dicionário de Narratologia, Livraria Almedina, Coimbra.
- Kristeva, Julia, (1969), História da Linguagem, Edições 70, Lisboa.
- Rodrigues, A.D.; Dionisio, E; Neves, HG., (1981), Comunicação Social e Jornalismo, Regra do Jogo, Edições 70, Lda, Lisboa.

Todorov, Tzvetan (1981), os Géneros do Discurso, Edições 70, Col. Signos, Lisboa.  
Van Dijk, Teun A., (1977), Text and Context. Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse, Longman Group Ltd.  
Wolf, Mauro, (1987). Teorias da Comunicação, Editorial Presença, Lda, 1-Edição, Lisboa.

# ANEXOS

**Anexo I**  
**(Discurso 1)**

**Discurso de Máximo Dias publicado no programa "Direito do Tempo de Antena" na Televisao de Moçambique(TVM),durante o período da propaganda eleitoral que decorreu de 22 de Setembro a 24 de Outubro de 1994, em Moçambique.**

1           Boa noite, eleitor moçambicano, irmã e irmão moçambicano(fala com  
2 os braços apoiados na mesa e com a cabeça inclinada um pouco à  
3 direita).

4           Na sessão anterior ficou a pergunta:que experiência têm (abana  
5 ligeiramente a cabeça) aqueles que dizem que nós vamos agora  
6 melhorar.Durante 20 anos não fizeram nada, ou melhor, fizeram muito,  
7 mas de mau.Destruíram, por causa deles houve a guerra e uma guerra que  
8 também foi mal conduzida.Mal conduzida, que levou 16 anos, porque ela  
9 nem sempre se orientou no sentido político(abana ligeiramente a cabeça,  
10 olhando sempre para os telespectadores).

11           As manobras exteriores aproveitaram-se do sentimento nacionalista  
12 daqueles que pegaram em armas para combater o marxismo leninismo.  
13 Mas o combate da ditadura marxista nao foi feita só por aqueles que  
14 pegaram em armas.O grande combate foi um combate político, que este  
15 candidato Máximo Dias que vos fala, fez essa luta(abana ligeiramente a  
16 cabeça, virando-a para a esquerda, sempre olhando para os  
17 telespectadores), procurou apoiar politicamente todas as forças contra o  
18 regime da ditadura, contra o partido único.

19           Escrevi centenas de cartas, para nao dizer milhares.Participei em  
20 vários encontros políticos, secretamente entrei no nosso país várias vezes,  
21 para falar com o povo oprimido, para aqueles que lutavam de arma na  
22 mão, nao para destruir o que nós queríamos.Mas o que nós queríamos  
23 efectivamente era eliminar as causas da guerra, que era a falta da  
24 liberdade, a falta da democracia.

25 Quando um partido armado diz, nós trouxemos a democracia, nao  
26 pode, nao é correcto. Porque nao é um partido, nao é uma pessoa, é o  
27 povo moçambicano que lutou. E, eu Máximo Dias (agita ligeiramente a  
28 cabeça) da minha parte, também contribuí. Nao saí daqui para ter uma  
29 vida de luxo lá fora, saí daqui porque cá dentro eu seria facilmente  
30 silenciado. Nao podia continuar e, a única luta que Máximo Dias sabe fazer  
31 é a luta da razão (volta a abanar um pouco a cabeça), é a luta da  
32 demonstração por palavras, por actos também perante a minha própria  
33 conduta.

34 O candidato didáctico Máximo Dias é totalmente diferente dos outros  
35 candidatos. Enquanto os outros prometem vida fácil para o povo (abana  
36 ligeiramente a cabeça e inclina-se para o lado direito) eu prometo vida  
37 difícil, mas uma vida com satisfação, uma vida em que o trabalhador  
38 quando volta para casa com o seu vencimento, aquele vencimento há-de-  
39 lhe chegar minimamente para o outro vencimento até ao fim do mês  
40 seguinte.

41 É com o trabalho que nós teremos o melhor nível de vida, é com o  
42 trabalho que resolveremos o custo de vida, é com escola que estaremos  
43 preparado para trabalhar para o nosso sustento.

44 É esta postura, nao estamos aqui para dizer aquele tem este defeito,  
45 aquele nao serve por causa disto, nao é isso que nós dizemos. Até devo  
46 dizer, todos estao com boa vontade de querer servir o povo, mas nem  
47 sempre estao preparados para servir o povo. O facto de alguém nos ter  
48 salvo de um acidente, o que nos preveniu, nao quer dizer que quando  
49 estamos doentes vamos pedir a esse para nos tratar, nao. Cada um no seu  
50 lugar. É preciso que o eleitor moçambicano saiba escolher para  
51 determinada funcao aquele que está preparado para fazer.

52 Se estiver alguém doente para ser operado, eu advogado Máximo  
53 Dias nao posso ser chamado para operar. Mas se estiver alguém preso, se  
54 estiver alguém que foi roubado, que foi injustiçado, entao escolhe o  
55 advogado para ir defender junto dos tribunais (abana ligeiramente a

56 **cabeça, olhando para os telespectadores).**

57 **Cada um com a sua experiência, com a sua competência. Não é**  
58 **qualquer indivíduo, só porque eu quero ser Presidente da República,**  
59 **porque eu bom como mecânico, sou bom como motorista, eu sou bom**  
60 **como advogado, eu sou bom como médico, posso ser Presidente da**  
61 **República.**

62 **A Presidência da República precisa de ter a consciência de todas as**  
63 **tarefas nacionais. E, é preciso que seja um homem e/ou uma**  
64 **mulher. Infelizmente, nestas eleições só homens é que concorrem. Mas as**  
65 **mulheres podem contar que Máximo Dias não distingue homem de uma**  
66 **mulher, apenas reconheço o cidadão e a cidadã moçambicana.**

67  
68 **obrigado**

## **Anexo-II**

### **(Discurso-2)**

**Discurso de Joaquim Chissano, candidato da Frelimo às eleições Presidenciais. A data da sua publicação não está indicada, mas a propaganda eleitoral televisiva ocorreu durante o período oficial que decorreu de 22 de Setembro a 24 de Outubro de 1994.**

1 **moçambicanas, moçambicanos, compatriotas!**

2 **É fácil acusar o partido frelimo pela actual situação do país.**

3 **É muito fácil dizer que a Frelimo nada fez por Moçambique nem pelo**  
4 **nosso povo. Mas é difícil esquecer que foi a Frelimo que nos trouxe**  
5 **primeiro a liberdade, que foi a frelimo também que nos deu a paz.**

6 **Quem é que pode se preocupar em apetrechar a sua casa enquanto a**  
7 **casa está arder. Foi isto o que aconteceu em Moçambique que nos**  
8 **longos anos de guerra. Enquanto a luta armada devastava o nosso país,**  
9 **a Frelimo estava a lutar para que o nosso povo não perdesse a liberdade**  
10 **para que não fosse violada a integridade desta terra que é nossa.**

11 **A mesma terra dos nossos avós e dos nossos pais, a terra dos nossos**  
12 **antepassados, que é a nossa herança e herança dos nossos filhos e**  
13 **netos.**

14 **É certo que a frelimo cometeu erros, como também é certo que a**  
15 **própria guerra é o maior dos erros.mas não foi a frelimo a fazer a guerra.**

16 **Criticar é fácil, como também é fácil destruir. Mas a verdade é que a**  
17 **frelimo está a superar os próprios erros. Com a paz não perdemos tempo**  
18 **em iniciar a grande tarefa da reconstrução. Há muito ainda por fazer,mas**  
19 **não é verdade dizer que nada está a ser feito.**

20 **Já estão em curso projectos para reposição de energia de Cabora**  
21 **Bassa e, Cabora Bassa é o objectivo principal para o desenvolvimento**  
22 **do País.**

23 **A reabilitação das estradas, também já começou em muitas**

24 províncias.A estrada de Ressano Garcia por exemplo que constitui a  
25 principal via de circulação de mercadorias e bens entre Moçambique e a  
26 África do Sul está bastante adiantada.

27 Aos poucos, a rede de educação está sendo reabilitada.Já foram  
28 inauguradas várias escolas em diversas regioes do pais.Estas imagens  
29 sao de Catembe e de Nicuadala(ha ilustração com imagens de  
30 inauguracao de escolas) onde foram inauguradas escolas do primeiro e  
31 segundo grau.

32 Em Cabo Delgado, a indústria de mármore e a Teximanta já estao a  
33 funcionar.A agricultura também está se a recuperar.Todos os nossos  
34 principais portos foram reabilitados e ampliados em Pemba, Nacala, Beira  
35 e Maputo, para retomada das exportações e para o Comércio com outras  
36 nações.Estas obras, inauguradas recentemente, mostram uma nova etapa  
37 na retomada do desenvolvimento e com elas, o nosso Pais volta a exportar  
38 e captar divisas.

39 Estes sao apenas alguns exemplos, outros projectos já estao em curso  
40 em todo o Pais, mostrando que o trabalho de reconstrução nao é uma  
41 promessa, mas sim uma realidade.

42 Nós sabemos que ainda é pouco, mas quando dissemos destruir é facil,  
43 reconstruir, ao contrário, exige tempo, esforço e dinheiro.O que não  
44 podemos agora é perder tempo com ressentimentos e acusações.A hora  
45 é de trabalhar, o momento é de nos esforçarmos juntos pelo futuro  
46 melhor do nosso Pais.

47 Nos próximos dias 27 e 28 vamos para a vitória nas eleições.Vamos  
48 Juntos porque o futuro melhor nao pode mais esperar.

49 Caros amigos, moçambicanas e moçambicanos!(fala olhando para os  
50 telespectadores).

51 Depois de consultada a opiniao pública, o partido Frelimo decidiu que  
52 eu seria o seu candidato e o candidato do povo moçambicano às eleições  
53 para Presidente da República.

54 A Comissao Nacional de Eleicoes(CNE) nos termos da lei aprovou a

55 minha candidatura, aprovou também as candidaturas dos 250 patriotas  
56 que o Partido Frelimo propoe ao povo para os elegerem como deputados  
57 da Assembleia da República(AP).

58 Através destas candidaturas, o nosso partido apresenta-se perante os  
59 moçambicanos com um historial de responsabilidade e de cumprimento  
60 dos seus compromissos.

61 Em 1962, sob a direcção de Eduardo Mondlane, eu próprio(aponta-se  
62 com a mão direita) e jovens da minha geração tomamos o compromisso  
63 de unirmos o movimento nacionalista, unir os moçambicanos do Rovuma  
64 ao Maputo para conquistarmos a independência nacional.

65 Fundou-se a Frelimo há 32 anos atrás.O COMPROMISSO FOI  
66 CUMPRIDO.(abana a cabeça para frente, olhando para os  
67 telespectadores).

68 Em 1963, quando se criou a Organização da Unidade Africana(OUA), a  
69 África Inteira e a Frelimo tomaram o compromisso de liquidar o  
70 colonialismo, o racismo e o apartheid, libertar o Continente.A tomada de  
71 posse de Nelson Mandela, como Presidente da República da África do Sul  
72 em Maio do ano corrente, marcou o fim do colonialismo, do racismo e do  
73 apartheid em África. O COMPROMISSO FOI CUMPRIDO.(abana a cabeça  
74 para frente, enquanto olha para os telespectadores).

75 há 30 anos, em 25 de Setembro de 1964 sob a direcção da Frelimo,  
76 eu(aponta-se com a mão direita) e outros jovens pegamos em armas para  
77 erradicarmos o colonialismo português da nossa pátria.10 anos depois em  
78 7 de Setembro de 1974 os acordos de Lusaka foram assinados.O  
79 COMPROMISSO FOI CUMPRIDO(abana a cabeça para frente, enquanto  
80 olha para os telespectadores).

81 A 20 de Setembro de 1974, tomou posse o Governo de Transição.O  
82 Governo de Transição tinha várias tarefas.Era fundamental reconciliar a  
83 sociedade moçambicana, cicatrizar as feridas da guerra, restaurar a  
84 confiança comum de todos os moçambicanos, o futuro harmonioso e  
85 próspero de todos os homens e mulheres, de diferentes raças e etnias.

86 **Coube a mim (aponta-se com a mão direita) dirigir esse processo. A Frelimo**  
87 **mandatou-me para ser Primeiro-Ministro do Governo de Transição,**  
88 **Moçambique tornou-se exemplo de Unidade Nacional. O COMPROMISSO**  
89 **FOI CUMPRIDO. (volta a abanar a cabeça, enquanto olha para os**  
90 **telespectadores).**

91 **A 25 de Junho de 1975 proclamou-se a independência**  
92 **nacional. Juramos servir a nossa Pátria, reconstruí-la, edificar uma**  
93 **sociedade nova. Em Moçambique, na prática surgiu uma alternativa de**  
94 **civilização. O COMPROMISSO FOI CUMPRIDO. (repete o gesto anterior,**  
95 **abana a cabeça para frente levantando a vista).**

96 **A alternativa de civilização foi alvo do racismo e do apartheid. Uma**  
97 **guerra foi desencadeada contra o povo moçambicano. Na defesa da**  
98 **dignidade da pátria e do homem africano, Samora Machel, primeiro**  
99 **Presidente da República foi morto a 19 de Outubro de 1986. Em 3 de**  
100 **Novembro de 1986, o partido Frelimo, na dor e luto de Moçambique**  
101 **elegeu-me seu Presidente e mandatou-me para dirigir o estado e todo o**  
102 **povo. Comprometemo-nos, o partido e eu próprio com a missão de**  
103 **defender a integridade territorial ameaçada, salvar a unidade do nosso**  
104 **povo, restaurar a paz, consolidar e alargar as conquistas democráticas. Em**  
105 **Novembro de 1990, na sequência do debate de todo o nosso povo**  
106 **aprovou-se a Constituição em vigor que criou o espaço para a democracia**  
107 **multipartidária e deu um novo impulso às negociações da paz. Percorri**  
108 **como um peregrino várias capitais do mundo em busca da paz, depois de**  
109 **ter ouvido de todas as províncias do País, a voz magoada do nosso povo.**

110 **A 4 de Outubro de 1992, em Roma, assinei o Acordo Geral de**  
111 **Paz (AGP), mandatado pela Frelimo, pela Assembleia da República e pelo**  
112 **povo inteiro. O COMPROMISSO FOI CUMPRIDO. (de novo abana a cabeça**  
113 **para frente e olha para os telespectadores).**

114 **Votar em Outubro, serão 12 candidatos concorrentes à Presidência da**  
115 **República. A ordem de colocação dos candidatos no boletim do voto foi**  
116 **definida pela CNE através de um sorteio. A minha posição é exactamente**

117 a última.Sou no número 12, o que significa que tivemos sorte no sorteio,  
118 pois será fácil para os eleitores lembrarem-se como votar.

119 Ficou mais fácil marcares o teu voto, sou o último no boletim de  
120 voto.Mas com o teu voto e esforços de todo(faz um meio círculo com a  
121 mão, indicando o povo) o povo moçambicano chegaremos em primeiro  
122 nas eleições.Depende apenas de ti, do teu voto consciente, responsável  
123 e inteligente.

124 Estamos juntos, em Outubro, vamos para a vitória.

## **Anexo III**

### **(Discurso 3)**

**Discurso de Afonso Dhlakama apresentado durante o programa televisivo "Direito do Tempo da Antena" na Televisao Moçambicana, (TVM), no período da propaganda eleitoral. Nota: nao vem indicada a data da sua publicação, mas o programa decorreu de 22 de Setembro a 24 de Outubro de 1994.**

1       **Minhas irmas e meus irmaos (fala olhando para os**  
2       **telespectadores).**

3       **A vida em sociedade num estado de direito cria problemas para**  
4       **aplicação de uma justiça voltada à defesa dos direitos humanos**  
5       **e dos cidadãos.**

6       **Dhlakama e a Renamo sao a mudança, pois, com a Renamo tens**  
7       **garantidas as condições necessárias para o acesso à justiça. Nao**  
8       **interessa se és pobre ou rico, porque nós tratamos-te de igual**  
9       **para igual.**

10       **As leis nao sao da Frelimo, sao leis do povo, leis dos**  
11       **moçambicanos. Os tribunais serao do povo, a polícia será também**  
12       **do povo. Os tribunais terao melhores condicoes e a polícia**  
13       **também. (fala levantando a vista para os**  
14       **ecrans) Com Dhlakama no governo haverá uma política de reinserção**  
15       **social. Vamos combater a corrupçao( levanta**

6 um pouco a cabeça) , vamos juntos acabar com  
7 as fraudes económicas, vamos acabar com a criminalidade.

8 **Contra a corrupção, temos a vitória na mão.**

9 **Também nos serviços de registo e notários, Dhlakama dará**  
10 **melhores condições para o atendimento público e formação para o**  
11 **peçoal que trabalha, nesta área.**

12 **Para tal, vamos simplificar e reduzir a formalidade, vamos**  
13 **facilitar e acabar com a burocracia, vamos mudar**  
14 **Moçambique(levanta a vista para os telespectadores e inclina-se**  
15 **um pouco para a direita).**

16 **Irmão, temos a vitória na mão, vota bem, vota no progresso**  
17 **e na democracia real, vota a Renamo e Afonso Dhlakama.**

18 **O direito e a liberdade são garantias de um cidadão em**  
19 **qualquer estado democrático, só com Afonso Dhlakama é que todos**  
20 **os moçambicanos viverão num clima de união e solidariedade. Para**  
21 **tal, a Renamo vai ter de reestruturar os sistemas de**  
22 **administração interna.**

23 **Vamos preservar o património nacional e os recursos naturais**  
24 **para que as futuras gerações dele se orgulhem(olha para os**  
25 **telespectadores).**

26 **Vamos combater a poluição e usar tipologias não poluentes. Com**  
27 **Dhlakama vamos ensinar todo o mundo a proteger o ambiente. Mas**  
28 **Dhlakama e a Renamo não se preocupam só com a segurança do**

39 ambiente, preocupam-se com tudo, com a segurança social e com a  
40 segurança pública.

41 Vamos ajudar os desprotegidos e os mais necessitados (olha  
42 para os telespectadores). Vamos assegurar uma pensão mínima aos  
43 cidadãos. Vamos criar condições de maior justiça social e  
44 igualdade de oportunidades para os moçambicanos (repete o gesto,  
45 olha para os telespectadores).

46 Dhlakama vai criar iniciativas de proteção social, garantir  
47 apoio financeiro para despesas médicas, criar melhores condições  
48 da vida, proteger os deficientes, integrando-os na vida  
49 profissional, garantir a igualdade entre homens e mulheres.

50 Com Dhlakama e a Renamo vamos garantir a privacidade e bem  
51 estar dos moçambicanos. Vamos desenvolver nas forças de segurança,  
52 um espírito de uma polícia ao serviço do cidadão. Vamos criar  
3 condições para que estes homens possam melhorar o seu nível  
4 profissional, aumentando a sua formação.

5 Com Dhlakama e a Renamo (repete o gesto, olha para os  
6 telespectadores e inclina-se para a direita, abanando  
7 ligeiramente a cabeça), a democracia é fácil e é real.

9 Com Afonso Dhlakama vamos juntos mudar Moçambique

0 Viva a vitória

## **Anexo-IV**

**(DISCURSO-4)**

**Wehia Ripua, candidato às eleições presidenciais pelo partido moçambicano democrático(Pademo) fala no programa da TVM "Exercício do Direito do Tempo de Antena" ocorrido no período da propaganda eleitoral entre os dias 22 de Setembro e 24 de Outubro de 1994.**

1           **Bom,eu(aponta-se com o dedo indicador) Wehia Ripua vou**  
2           **pensar muito sobre o nosso País.O nosso País foi roubado(faz um**  
3           **gesto com a mao, metendo-a no bolso), sofreu muito por causa da**  
4           **guerra e da corrupção.**

5           **Mas eu gostaria falar aqui(indica o lugar com o dedo), do**  
6           **nosso programa de governação.Eu estou muito triste por ver os**  
7           **cidadaos nacional a passar mal, nao têm ajuda.**

8           **Um cidadao sério quer desenvolver-se a partir dele próprio**  
9           **no País, vai pedir empréstimo no Banco, ora diz-se vem amanhã,**  
10          **ou depois no dia X e, este cidadao está necessitado mas o Banco**  
11          **exige participacão numa percentagem muito alto que o cidadao**  
12          **nao aguenta, nao tem dinheiro, mas quer começar qualquer coisa**  
13          **para desenvolver-se.Assim começa pouco-pouco(agita um pouco a mao**  
14          **]direita) e o indivíduo vai para longe.**

15  
16          **Mas o Banco diz sempre metade, tem que ter dinheiro, tem que**

7 fazer assim(abana a cabeça e esboça um sorriso).Bom, onde vai  
8 apanhar o dinheiro o cidadão, onde e, finalmente acabou, pronto,  
9 volta para casa e acabou(move um pouco a cadeira e tenta mudar  
0 de posição).

1 Mas quem pode ser emprestado é o indiano.O nosso irmão  
2 indiano tem e se não tiver dinheiro, então os outros  
3 indianos(aponta com o dedo indicador fazendo um semi-círculo)  
4 apoiam a ele e assim os indianos estão muito em cima em termos  
5 económicos.

6 O estado sabe isso, que os indianos não apoiam o cidadão  
7 nacional e nunca apoiará.Por isso, se eu subir no poder, eu  
8 exactamente vou fazer para os nossos nacionais procurar alguma  
9 coisa. Se o cidadão é sério, se o cidadão está muito, muito  
0 decidido para ser apoiado, vamos apoiar até onde deixar de ser  
1 cidadão sem dinheiro, até onde para emprestar o dinheiro é  
2 obrigação do governo para apoiar os cidadãos nacionais.

3 Isso estou a pensar muito, mas não é só isso, há outra  
4 situação muito importante e triste(aponta com o dedo para os  
5 telespectadores).Os empresários nacionais não são apoiados e a  
6 maioria deles agora estão para falir porque não têm nada, os  
7 empregados querem dinheiro, o empresário próprio não tem dinheiro  
8 é uma confusão(esboça um sorriso),e o estado distancia-se  
9 desses nossos empresários.

0 Isso(indica com o dedo), não é bom.Eu não vou fazer isso,

11 em vou ajudar os empresários nacionais do Rovuma ao Maputo, não  
12 haverá discriminação, entre os nosso povo.

13 Hé,(tenta levantar-se e volta a sentar-se na mesma posição)  
14 eu não sei até agora o que pensa o governo , não sei se analisa  
15 ou não analisa, eu não sei.Custa-me entender isso.Por isso, o  
16 povo moçambicano não ter o govreno(...) e, bom, não quero ser  
17 acusado de estar a condenar o governo.Mas o governo da Frelimo  
18 fez e faz coisas e o povo também sabe.

19 Então, o meu ponto principal é empréstimos para os  
20 nacionais.Se nós não vamos emprestar a eles, como eles vão  
21 desenvolver-se economicamente?(abana a cabeça).Quem lhes vai  
22 ajudar?

23 O Presidente da República deve pensar quando vai dormir  
24 essas coisas(sorri) e ter posições a favor da maioria.

25 Então compatriotas, se fazer subir a mim(aponta-se com o  
26 dedo indicador) no poder, há-de ver(indica com o dedo aos  
27 telespectadores).Eu não vou discriminar ninguém porque também é  
28 direito de um nacional viver bem.

29 Quem não gosta de viver bem? Quem não gosta de vestir,cada  
30 um de nós quer ou, deseja ver os seus filhos a estudar, quando  
31 chegar em casa, encontrar qualquer coisa para comer(faz um gesto  
32 com a mão indicando a boca), isso é muito importante.Para crescer  
33 bem a criança deve ser alimentada.

34 Por isso, o governo do PADEMO irá desenvolver toda a nação

65 e as nossas crianças, isso através de empréstimo. Um cidadão pode  
66 emprestar dinheiro e desenvolver-se economicamente (sorri).

67 **Obrigado**

68 **Com PADEMO, paz, liberdade e escola.**

## **Anexo - V**

### **ENTREVISTA**

**A presente entrevista tem exclusivamente um objectivo científico e visa recolher as estratégias de cada um dos quatro partidos no programa televisivo "Exercício do Direito de Antena", divulgado pela Televisão de Moçambique (TVM), de 22 de Setembro a 24 de Outubro de 1994.**

**Para o efeito, serão entrevistados quer os próprios candidatos, quer os seus representantes. Os dados obtidos apenas serão utilizados no Trabalho de Licenciatura em Linguística na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), cujo tema é: Discurso Político na Televisão de Moçambique Durante a Campanha Eleitoral.**

**1) Que imagem pretendia transmitir o vosso partido ao público eleitor no programa "Tempo de Antena", na TVM, através do candidato às eleições presidenciais?**

**2) Os objectivos preconizados na vossa estratégia eleitoral na TVM estavam de acordo com o programa de governação do partido?**

## Anexo-VI

Resultados da entrevista feita ao representante do partido Frelimo. Esta entrevista foi feita no dia 11 de Maio de 1995. Segundo o nosso entrevistado, esta estratégia diz apenas respeito ao programa televisivo Exercício do Direito do Tempo de Antena que decorreu de 22 de Setembro a 24 de Outubro de 1994, na Televisão de Moçambique (TVM).

1 O nosso objectivo com o programa televisivo era mostrar que  
2 o nosso candidato é o melhor, tem uma experiência longa, quer  
3 política, quer de governação e por isso, o único capaz de  
4 garantir um futuro melhor ao povo moçambicano.

5 Nos seus discursos, o nosso candidato devia fazer referência  
6 às tarefas de reconstrução do País, sem a qual nada pode  
7 ser feito. Por isso, o candidato do Partido Frelimo devia  
8 prometer uma nova página na história de Moçambique, solicitando  
9 para o efeito, a participação de todo o povo, do Rovuma ao Maputo

10 A luta contra a miséria, a fome e o analfabetismo, contra  
11 as doenças e desemprego, contra as disparidades regionais e  
12 sociais, contra a insegurança e corrupção, a luta pela  
13 reabilitação do tecido social; a luta pela reconstrução dos  
14 hospitais, escolas, das indústrias, estradas e pontes e sua  
15 expansão deviam fazer parte sempre que possível, dos discursos  
16 do candidato da Frelimo, sem pôr de lado a necessidade de  
17 sepultar o ódio, promovendo a reconciliação e a concórdia,  
18 condições essenciais para conquista da independência económica  
19 e social.

20 O nosso partido tem melhores quadros, com capacidade e  
21 experiência também de muitos anos. Era necessário mostrar isto  
22 através dos seus discursos (forma e conteúdo, da segurança com que  
23 falava às câmaras da televisão e também da apresentação.

24           Ao apresentar o programa de governação, o candidato devia  
25           fazer referência não só ao passado como também ao futuro. Esta  
26           estratégia está de acordo com o nosso programa de governação,  
27           aliás, muitos pontos aqui referidos podem ser encontrados no  
28           programa do governo do partido Frelimo.  
29

## Anexo-VII

Resultado da entrevista com o Presidente da Renamo. A Entrevista foi feita no dia 5 de Junho de 1995.

1 O objectivo da campanha era de transmitir ao povo moçambicano o  
2 nosso programa de governação e dizer aquilo que iríamos fazer se  
3 fossemos vencedores daquelas eleições e também transmitir uma  
4 mensagem de um partido que, de facto não enganador como os outros  
5 partidos que prometem, prometem e depois não cumprem. Eu  
6 pessoalmente, constantemente dizia que o futuro melhor prometido pela  
7 Frelimo não seria implementado porque sabia, conheço a cultura e  
8 Ideologia da Frelimo. Por isso, isto eu repetia sempre:atenção povo de  
9 Moçambique não se enganem com o novo programa da Frelimo porque foi  
10 escrito pelas mesmas pessoas que durante muitos anos prometeram. Eu  
11 devia dizer e dizia ao povo que a única alternativa do país era a Renamo  
12 e apresentava a nossa proposta de governação na Saúde, Agricultura,  
13 Transporte, Habitação, Justiça, Educação, Turismo, Defesa e Segurança  
14 e noutros sectores de actividade. Outro ponto que devia referir era o  
15 equilíbrio regional, referindo ao sul, centro, sem abordar a questão de  
16 igualdade porque ela não existe, mesmo na América onde há democracia,  
17 não há igualdade, há pobres e ricos. Mas é preciso que no padrão de vida  
18 haja um pouco de equilíbrio, não havendo uma grande diferença, em que  
19 há pessoas que comem até deitar fora, enquanto outras alimentam-se de

20 raízes, pois isto é desumano. Por outro lado, devia procurar transmitir a  
21 imagem pessoal do líder da Renamo: que é o Dhlakama. Era necessário  
22 afastar das pessoas a imagem que durante 16 anos foi criada pela  
23 Frelimo, de um Dhlakama bandido, que matava e desestabilizava, e  
24 apresentar um outro Dhlakama, honesto, humano, pai de filhos, cristão e,  
25 um Dhlakama que não só promete mas promete aquilo que acha que vai  
26 cumprir. Também devia transmitir a imagem de um Dhlakama que não era  
27 um general, apesar de ter sido. Naquela altura da campanha era um  
28 candidato às eleições presidenciais, um civil, um cidadão que não tinha  
29 camuflagem nem pistola. Isto era muito essencial para que as pessoas  
30 deixassem de dizer que estavam a ver um general e durante a campanha  
31 não devia falar mais da guerra, apenas quando necessário, devia  
32 apresentar as razões da luta terminada e o porquê do surgimento da  
33 Renamo. De igual modo, devia dizer ou recordar ao povo que se hoje há  
34 eleições em Moçambique é graças à luta da Renamo, porque foi a  
35 Renamo que trouxe a abertura e democracia real em Moçambique. Eu  
36 devia transmitir este tipo de discurso, com uma imagem de que a Renamo  
37 é a única força no país que libertou o povo e que só haveria mudanças em  
38 Moçambique se a Renamo e o Dhlakama ganhassem as eleições. Esta  
39 estratégia eleitoral estava de acordo com a nossa proposta de  
40 governação. Para além de apresentarmos esta proposta, devíamos  
41 desencadear uma campanha de identificação da Renamo e do próprio  
42 Presidente, dando-lhes outra imagem diferente daquela que era

43 transmitida pela Frelimo e foi isso o que aconteceu não só no programa  
44 tempo de antena da televisão de Moçambique mas também ao nível de  
45 todo o país.

## **Anexo - VIII**

### **Resultado da entrevista com o presidente do Pademo.**

**Esta entrevista foi feita no dia 09 de Maio de 1995**

1           Com o programa da TVM, rádio e mesmo nas províncias,  
2 pretendíamos divulgar as vantagens de um Estado federal e levar o povo  
3 a entender que só com o federalismo é que podemos resolver os  
4 problemas do país, a falta de escolas, o custo de vida, habitação, etc. Era  
5 nosso objectivo também dar a entender às pessoas que o sistema federal  
6 em Moçambique defendido pelo Pademo é muito mal interpretado pelo  
7 Governo da Frelimo. O Próprio Chissano diz que os que defendem o  
8 federalismo não sabem o que estão a fazer, apenas pretendem dividir o  
9 país. Então, eu e os outros membros do partido que estiveram envolvidos  
10 na campanha a nível de todo o país, devíamos explicar que com este  
11 sistema o povo só tem a ganhar, porque em cada Estado federal existirá  
12 um Governo próprio, formado por pessoas dessa zona. Ninguém do outro  
13 Estado federal irá governar uma zona que não seja a sua. Os recursos  
14 naturais dessa região vão beneficiar as pessoas daí mesmo, aquela que  
15 produzem. Era este o objectivo que nós tínhamos na campanha eleitoral:  
16 o Estado federal é a melhor opção em Moçambique.

Resultados da entrevista com o Presidente do Monamo/PSD. A entrevista foi feita a 18 de Maio de 1995.

1 O objectivo final de todos os partidos e candidatos  
2 concorrentes à eleições é ganhar o escrutínio e, a divergência  
3 existe em como proceder para conseguir tal objectivo.

4 No entanto, Máximo Dias, candidato pelo partido Monamo/PSD  
5 apresentou-se como um caso único: não estava interessado em  
6 conquistar o poder.

7 No programa televisivo Exercício do Direito do Tempo de  
8 Antena e na campanha eleitoral em geral, pelo país inteiro  
9 devia deixar este aspecto bem claro durante as suas alocações.

10 Máximo Dias, devia dizer aos eleitores para não votarem nele,  
11 indicando porém em quem deviam votar: Chissano ou Dhlakama. Isso  
12 porque esses dois tinham possibilidade de ganhar as eleições, por  
13 serem chefes beligerantes armados e, tristemente os mais  
14 conhecidos, devido à guerra civil e também porque só estes dois  
15 tinham possibilidades financeiras e acessórios de marketing  
16 político, para suportar uma campanha de envergadura nacional.

17 A ideia da consolidação da paz desejada por todos os  
18 eleitores recomendava a escolha de um dos chefes beligerantes  
19 que por sinal, tinham possibilidades de compreensão recíproca  
20 devido ao temperamento destes dois concorrentes.

21 Por isso, o candidato Máximo Dias devia apresentar-se como  
22 didáctico e, toda a sua campanha, comícios, e Tempo de Antena  
23 e contactos boca-a-boca com os eleitores devia ser no sentido de  
24 evitar confrontações políticas e militares entre a  
25 Frelimo e a Renamo e de demonstrar qual é o papel de um  
26 Presidente da República de Moçambique.  
27

28           A preocupação do candidato do Monamo/PSD às eleições  
29           presidenciais devia ser a forma de exercício do poder e não a  
30           a tomada de poder em si. Durante a campanha, o candidato devia  
31           apenas apelar ao voto do eleitorado na campanha legislativa da  
32           Acção Patriótica (coligação entre Monamo e Frente de Acção  
33           Patriótica/FAP).

34           Esta estratégia estava de acordo com os nossos objectivos  
35           porque estávamos conscientes logo à partida de que o nosso  
36           candidato não ganharia as eleições presidenciais.

# Anexo-X

## Inquérito

**Este inquérito tem exclusivamente um objectivo académico e está assegurado o sigilo dos dados assim como o anonimato dos inquiridos.**

Sexo \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_ Profissão/ocupação \_\_\_\_\_

Círculo Eleitoral \_\_\_\_\_

Candidato em quem votou \_\_\_\_\_

**1. A sua escolha deveu vinculação partidária?**

a) Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

b) Se sim, diga porquê ?

---

---

**2. Antes da campanha eleitoral de 1994 começar você já sabia em quem iria votar ?**

a) Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Indeciso \_\_\_\_\_

b) Se respondeu não, diga porquê ?

---

---

c) Se respondeu indeciso , diga também porquê ?

---

---

3. No caso da modificação da opinião antes e depois da campanha eleitoral diga o que lhe influenciou.

4. Considera que a forma como o candidato apresentava o seu discurso televisivo teve alguma influência na sua escolha ?

a) Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

b) Se sim, qual foi essa influência ?

---

---

c) Se não, diga também porquê ?

---

---

5. Considera que o conteúdo do discurso teve alguma influência na sua escolha do candidato ?

a) Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

b) Se sim, qual foi ?

---

---

6) Classifica até 3 valores os candidatos em função da sua : Não seriedade; Pouca seriedade e Seriedade do candidato e durante a campanha eleitoral.

a) **Máximo Dias**

1. Não seriedade \_\_\_\_\_ 2. Pouca seriedade \_\_\_\_\_ 3. Seriedade \_\_\_\_\_

b) **Joaquim Chissano**

1. Não seriedade \_\_\_\_\_ 2. Pouca seriedade \_\_\_\_\_ 3. Seriedade \_\_\_\_\_

c) **Afonso Dhlakama**

1. Não seriedade \_\_\_\_\_ 2. Pouca seriedade \_\_\_\_\_ 3. Seriedade \_\_\_\_\_

**d) Wehia Ripua**

1. Não seriedade \_\_\_\_\_ 2. Pouca seriedade \_\_\_\_\_ 3. Seriedade \_\_\_\_\_

8. Para as qualidades definidas pelos candidatos a seguir mencionados, diga qual ou quais se adequam a cada um deles.

**Qualidades:** Político experiente; candidato didático; democrata; defensor do federalismo.

**a. Máximo Dias**

Qualidades: \_\_\_\_\_

**b. Joaquim Chissano**

Qualidades: \_\_\_\_\_

**c. Afonso Dhlakama**

Qualidades: \_\_\_\_\_

**d. Wehia Ripua:**

Qualidades: \_\_\_\_\_

9. Se as eleições se realizassem agora você escolheria a mesma pessoa ?

a) Sim \_\_\_\_\_

b) Não \_\_\_\_\_

10. Você chegou a conhecer durante a campanha eleitoral os programas de governação de cada partido apresentados pelos candidatos ?

a) Sim \_\_\_\_\_

b) Não \_\_\_\_\_

c) Se não, diga porquê ?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Anexo-XI

Quadro XVI-Resultados do Inquérito

| Ques-<br>tão                                      | Candida<br>to   | Núme<br>mero | Respostas |    |               |    |   |   |    |    |      |      | I | P | Est | J. | O | F | M | F. | (% ) |
|---|-----------------|--------------|-----------|----|---------------|----|---|---|----|----|------|------|---|---|-----|----|---|---|---|----|------|
|   |                 |              | Sexo      |    | Profissão     |    |   |   |    |    | Voto |      |   |   |     |    |   |   |   |    |      |
|   |                 |              | F         | M  |               |    |   |   |    |    | M    | F.   |   |   |     |    |   |   |   |    |      |
| Indique<br>o<br>candida<br>to em<br>quem<br>votou | Máximo<br>Dias' | 30           | 15        | 15 | 23<br>40      | 10 | 5 | 5 | 10 | 0  | 2    | 6,6  |   |   |     |    |   |   |   |    |      |
|   | J. Chis<br>sano | 30           | 15        | 15 | 23<br>40      | 10 | 5 | 5 | 10 | 12 | 11   | 76,6 |   |   |     |    |   |   |   |    |      |
|   | A.Dhla<br>kama  | 30           | 15        | 15 | 23<br>40      | 10 | 5 | 5 | 10 | 0  | 2    | 6,6  |   |   |     |    |   |   |   |    |      |
|   | Wehia<br>Ripua  | 30           | 15        | 15 | 23<br>a<br>40 | 10 | 5 | 5 | 10 | 1  | 0    | 3,3  |   |   |     |    |   |   |   |    |      |

Anexo-XII

| Resultados do Inquérito                                   |                      |           |      |             |
|---|----------------------|-----------|------|-------------|
| Questão   | Número de inquiridos | Respostas | voto | percentagem |
| Antes da campanha eleitoral você sabia em que iria votar? | 30                   | Sim       | 25   | 83,3%       |
|   | 30                   | Não       | 1    | 3,3%        |
|   | 30                   | Indeciso  | 4    | 13,3%       |

Anexo X III

Quadro X III- Resultados do Inquérito

| Questão   | Candidato        | Respostas |           |                     |             |
|---|------------------|-----------|-----------|---------------------|-------------|
|   |                  | Democrata | Didáctico | Político Experiente | Federalista |
| Classifique os candidatos de acordo com as qualidades indicadas | Máximo Dias      | 6         | 19        | 5                   | 0           |
|   | Joaquim Chissano | 8         | 2         | 30                  | 0           |
|   | Afonso Dhlakama  | 12        | 1         | 3                   | 2           |
|   | Wehia Ripua      | 2         | 0         | 2                   | 5           |

Anexo-XIV

Quadro-XIV - Resultados do Inquérito

|   |                  | Respostas     |                 |           |
|---|------------------|---------------|-----------------|-----------|
|   | Candidato        | Não-seriedade | Pouca seriedade | Seriedade |
| Questão   | Máximo           | 1             | 8               | 21        |
| Classifique os candidatos segundo as qualidades indicadas | Joaquim Chissano | 0             | 3               | 27        |
|   | Afonso Dhlakama  | 8             | 13              | 9         |
|   | Wehia Ripua      | 19            | 5               | 6         |

**Resultados do Inquérito público sobre a desposição do voto**

| Candidato            | Voto | Percentagem % |
|----------------------|------|---------------|
| Joaquim Chissano     | 23   | 76,6%         |
| Máximo Dias          | 2    | 6,6%          |
| Afonso Dhlakama      | 2    | 6,6%          |
| Wehla Ripua          | 1    | 3,3%          |
| Número de Inquiridos | 30   | 100%          |

**N.B.** Dois dos Inquiridos votaram em dois candidatos que não fazem parte do nosso estudo.

**Resultados Eleitorais a nível da Cidade do Maputo  
sobre os quatro candidatos em estudo**

| <b>Candidato</b> | <b>Votos</b> | <b>Percentagem %</b> |
|------------------|--------------|----------------------|
| Joaquim Chissano | 331.415      | 83,43%               |
| Afonso Dhlakama  | 32.681       | 8,22%                |
| Máximo Dias      | 4.652        | 1,17%                |
| Wehia Ripua      | 964          | 1,17%                |